



Blumenau em cadernos

Eventos em destaque na Fundação Casa Dr. Blumenau em 1982

- 22 de março — Centenário de nascimento de Edith Gaertner - 1882-1982
- 07 de abril — Dez anos de Instituição da Fundação "Casa Dr. Blumenau" - Lei 1835, de 7/4/72.
- 1º de julho — Cinco anos de atividades da Biblioteca Ambulante pioneira em Santa Catarina.
- 30 de agosto — Trinta anos de atividades da Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller - Lei 354 de 30/08/1952.
- Novembro - Jubileu de 25 anos da revista cultural "Blumenau em Cadernos" - 1957-1982.

TOMO XXIII - N^{os}. 11-12

NOV^o/DEZ^o. 1982

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIII

Novembro e Dezembro de 1982

Nºs. 11 e 12

SUMÁRIO

Página

Mais um tropeço na vida do imigrante — José Ferreira da Silva	306
Revelações dos Arquivos Históricos	308
No Alto do Vale — Celso Liberato	311
Santa Catarina na História Militar	312
A História de Blumenau Revela:	314
Cerimônia no Cemitério dos Imigrantes — Elly Herkenhoff	320
Aconteceu... Outubro de 1982 — José Gonçalves	324
A mola propulsora do dinamismo de uma escola	326
Você Sabia?... — Frederico Kilian	331
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	333
Dalto dos Reis é o novo Prefeito de Blumenau.....	335
História Romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau.....	337

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 500,00

Número avulso Cr\$ 50,00 -- Atrasado Cr\$ 80,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 500,00 mais o porte Cr\$ 500,00 total Cr\$ 1.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — "Blumenau em Cadernos" completa, em novembro deste ano, 25 anos de circulação, cuja primeira edição ocorreu em novembro de 1957. Eis porque estamparemos na capa desta revista, durante todo o ano, a foto do seu fundador, Prof. José Ferreira da Silva, numa homenagem ao saudoso historiador. (O clichê foi confeccionado e gentilmente oferecido pela CLICHERIA BLUMENAU LTDA.

MAIS TROPEÇO NA VIDA DO IMIGRANTE

José Ferreira da Silva

Como se sabe, em 1865 foi declarado o estado de Guerra entre o Brasil e a República do Paraguai então ditatorialmente governado pelo General Francisco Solano Lopes. O nosso país tomou então uma série de medidas para fazer face à grave situação que se criara. Entre essas medidas contava-se a constituição de tropas de voluntários e o recrutamento compulsório de elementos destinados as forças que combatiam no sul. Como sempre aconteceu em tais situações a grande maioria dos homens aptos a pegar em armas acorreu aos apelos do governo com verdadeiro entusiasmo.

Aqui em Blumenau, onde a totalidade da população era de estrangeiros, as determinações oficiais não podiam ser executadas. A lei isentava os imigrantes do serviço militar mesmo em caso de guerra. Entretanto 76 colonos de Blumenau alistaram-se espontaneamente para incorporados ao 9º Batalhão de Voluntários seguir para os campos de luta. Por toda parte povoada da Província a ordem de recrutamento teve grande repercussão. Os delegados de polícia e as demais autoridades nos distritos, freguesias e municípios recebiam ordens para agir rigorosamente. Todo homem válido e dentro da idade legal deveria apresentar-se para o campo de operações no sul do país. Mas como não é raro em tais oportunidades muita gente procurou fugir ao cumprimento do sagrado dever de defender a sua pátria e por ela morrer se preciso.

E para isso lançava-se mão de todos os expedientes possíveis e imagináveis. E o mais simples era "agarrar o mato". Naquele tempo, a Província de Santa Catarina era bem pouco povoada. Contava em todo o seu território com 133.738 habitantes, pouco mais do que o atual município de Blumenau. E desses, 117.000 eram livres e 16.300 eram escravos. Por aí pode-se ter uma idéia da enorme extensão de florestas que cobriam o território da província. Os que se propunham escapar do serviço militar bem que podiam imaginar verdadeiro o dito tão comum "Deus é grande mas o mato é maior". E realmente um bom número dos nossos patriotas achando que o perigo das feras e dos bugres era bem menor do que o que eles correriam diante das tropas fanáticas do ditador do Paraguai que dizia-se não faziam prisioneiros. Degolavam a facção quantos soldados brasileiros lhes caísse as mãos. É verdade que os brasileiros não ficaram nessa malvadez. E então largavam casa família tudo e metiam-se pela floresta a dentro em busca de um local bem distante dos centros povoados, onde não houvesse autoridade e onde eles pudessem passar com vida e despreocupadamente o tempo que a guerra durasse. Foi assim que nasceram muitas cidades no interior do país. Irati no Paraná é uma delas. O lugar Rio Morto, próximo a Indaial também formou-se com desertores do recrutamento. Há

assim centenas de outros casos. Os fugitivos acamparam num determinado lugar longe do litoral. Outros fugitivos ou não, a eles vinham se unir e o povoado ia se formando até se tornar em aldeia e cidade. Não deixaram assim o medo da guerra e o crime de deserção de ter a sua utilidade, ao seu lado positivo. Mas nem todos os desertores agiram assim. Muitos deles, desnorteados, apavorados, ocultaram-se nas imediações das povoações ou vilas em que residiam, ou perambulavam pelos caminhos de uma localidade para outra esmolando e até mesmo roubando causando sobressalto aos pacatos moradores. Durante os anos da guerra, nos primeiros principalmente as queixas que nesse sentido eram dirigidas as autoridades eram constantes e em número.

Em agosto de 1865 dois indivíduos passaram por Joinville. Um deles em lamentável estado de fraqueza caiu próximo a Igreja católica e ali ficou. Em pouco tempo uma porção de gente o rodeava e chamado um médico, este constatou que o homem estava atacado de bexigas. Foi imediatamente transportado para uma casa desocupada próxima ao hospital, enquanto o outro foi preso e remetido para São Francisco. Verificou-se que se tratava de dois soldados paraibanos que tinham desembarcado do navio Pedro II, próximo a Barra Velha. A custa de enormes sofrimentos, batendo de porta em porta sob contínuo mau tempo conseguiram chegar até Joinville onde o enfermo encontrou afinal só com que entretanto de nada lhe veleram. Fatos como esses sucediam-se pelas estradas da província. Era comum o encontro com fugitivos do recrutamento pelas estradas da Província. Cena corriqueira era encontrar-se com um camarada na estrada, que primeiro pedia fogo para o cigarro e depois dinheiro. Não satisfizesse a gente o pedido, logo apareciam outras quatro ou cinco indivíduos que saltando do Mato que margeava o caminho, roubavam o que encontravam em poder em incauto viajante.

Em Brusque ocorreram vários fatos dessa natureza. E geralmente os fugitivos vinham atacados de moléstias contagiosas. Certa manhã daquele mês e daquele ano, em Brusque um colono ao abrir a porta de sua casa, deu com dois negros caídos diante dela. Estavam cobertos de bexigas. Interrogados pediram que deixassem morrer ali. Recusaram todo auxílio, inclusive que mandassem chamar um médico. Foram recolhidos em um rancho próximo onde efetivamente pouco depois morriam. Daí a razão porque os colonos dos estabelecimentos alemães andavam preocupados com a repetição frequente de fatos desagradáveis e por isso não punham os pés fora de casa sem meterem à cinta a pistola ou o facão. As espingardas estavam sempre bem carregadas para qualquer eventualidade. Como se já não bastassem os perigos a que as populações e colônias estavam expostas com os constantes assaltos de bugres, ainda surgia mais esse transtorno para tornar mais amargo os primeiros anos dos imigrantes nas margens do Itajaí e em outros pontos da Província. Era mais um tributo que os obscuros heróis tiveram que colaborar no engrandecimento do nosso país, tiveram que pa-

gar para chegar a alcançar o ideal pelo qual haviam transposto o oceano. Um tributo bem amargo e que por isso mesmo tornaria mais meritória e mais gloriosa a obra daqueles que conseguiram afinal tornar grande e rica a nossa terra e feliz a nossa gente.

Revelações dos Arquivos Históricos

Atos da primitiva Câmara Municipal da Vila de Blumenau no século passado

— “Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau, 5 de junho de 1884.

Ilmo. e Exmo. Snr. — Esta Câmara tem a honra de remeter a V^a Excia. os inclusos requerimentos de Luiz Antonio Cardoso, Francisco Hoffmann, Frederico Franz, Guilherme Zilse e João Dorow, devidamente informados pela, mesma, depois de findos os trinta dias de edital que à respeito foi publicado e afixado no lugar do costume. — Deus guarde V^a. Excia. — Ao Exmo. Snr. Dr. Presidente da Provincia de Santa Catarina. — o Presidente do Conselho — José Henrique Flores Filho. Jacob Luiz Zimmermann, Francisco Carlos Medeiros, Louis Sachtleben e Henrique Altemburg, membros”.

* *

— “Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau, 16 de junho de 1884.

Ilmo. e Exmo. Snr. — Esta Câmara, acusando o officio de V^a Excia., datado de 19 de maio último em que remete uma conta que foi enviada a essa Presidência pelo Diretor Chefe de Policia na importância de Rs 201\$800, proveniente de despesas feitas com o sustento fornecido a diversos presos pobres existentes na Cadeia desta Vila, pelo respectivo Carcereiro, afim de que esta Câmara satisfizesse o seu pagamento, visto correr a mesma despesa por conta do parágrafo 7^o do Artigo 18, da Lei do orçamento municipal vigente; tem a informar a V^a. Excia. que não obstante já se achar esgotada a respectiva verba, todavia em respeito e obediência à ordem de V^a Excia. mandou pagar a predita conta, porém de ora em diante não poderá pagar idênticas contas, não só pela razão já declarada de estar esgotada e já excedida verba, como também por não haver fundos, visto estar a findar-se o exercicio financeiro e terem sido despendidas as quantias orçadas para diferentes verbas da despesa desta Câmara. Acrescendo que entende esta Câmara não lhe competir e sim aos cofres provinciais o pagamento de contas dessa ordem, visto serem elas relativas ao sustento de réus condenados a cumprirem sua sentença na cadeia da Capital e o parágrafo 7^o do Artigo 18, da Lei do Orçamento Municipal, refere ao susten-

to de presos pobres, isto é, daqueles sujeitos a julgamento e não aos condenados, visto como a cadeia desta Vila é uma detenção provisória e não um estabelecimento para cumprir-se sentenças dadas de conformidade com as decisões do juri. - Deus Guarde a V^a Excia. - Ilmo. e Exmo. Snr. Presidente da Província de Santa Catarina. — O Presidente da Câmara — José Henrique Flores Filho. — Henrique Altenburg, Louis Sachtleben, Francisco Carlos Medeiros e Jacob Luiz Zimmermann, membros”.

* *

— “Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau, 26 de agosto de 1884.

Ilmo. e Exmo. Snr. — Tendo um proprietário de terreno neste Município cometido uma infração de postura nesta Câmara, mas como o infrator reside no município vizinho, vem por isso esta Corporação, com o devido respeito, consultar a V^a Excia. se pode mandar o seu Fiscal impôr a respectiva multa, embora para isso precise entrar em distrito do outro Município. — Deus guarde V^a Excia. — ao Exmo. Snr. Presidente da Província de Santa Catarina. — O Presidente da Câmara: José Henrique Flores Filho. Louis Sachtleben, Henrique Altenburg, Jacob Luiz Zimmermann e José Joaquim Gomes.”

* *

REQUERIMENTOS — “Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau, em 20 de setembro de 1884. — Ilmo. e Exmo. Snr. — A Câmara Municipal desta Vila tem a honra de devolver a V^a Excia. os inclusos 24 de diversos moradores deste Município, devidamente informados pela mesma, pedindo comprar terras ao Estado, tendo esta Câmara publicado editais de trinta dias sobre esse assunto.” — “Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau, 22 de dezembro de 1884. — Ilmo. e Exmo. Snr. — A Câmara Municipal desta Vila tem a honra de devolver a V^a Excia. os inclusos 35 requerimentos de diversos moradores deste Município devidamente informados pela mesma, pedindo comprar terras ao Estado, tendo esta Câmara publicado sobre esse assunto editais de trinta dias. — Deus guarde V^a Excia. — Exmo. Snr. Presidente da Província de Sta. Catarina. — O Presidente da Câmara: José Henrique Flores Filho. José Joaquim Gomes, Jacob Luiz Zimmermann e Louiz Sachtleben, membros”.

* *

— “Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau, 29 de dezembro de 1884. — Ilmo e Exmo. Snr. — A Câmara Municipal de Blumenau tem a honra de acusar o ofício de V^a Excia. datado de 4 do corrente mês, cumprindo-lhe responder seu conteúdo, informa o seguinte: 1^o — Os dois barracões existentes se acham presentemente de-

socupados por falta de imigrantes, porém eles estão conservados e destinados para o serviço de recepção deles, tendo esta Câmara feito despesas com certos reparos para sua conservação. — 2º — Havendo esperança da chegada de novos imigrantes neste Município, animados pela medição de lotes devolutos, não pode qualquer deles ser cedido sem prejuízo do serviço e utilidade Municipal ao Vigário José Maria Jacob, mesmo para fim de aumentar as acomodações de seu internato, visto que ali nossos hospedes receberão agasalho possível de oferecer-se, atendendo-se aos nossos fracos recursos além de que os ditos barracões não se prestam pela forma da construção para o fim pretendido, salvo para armazém de trastes, e estão situados em uma das extremidades desta Vila, com distância de dois quilômetros do dito internato. — Deus guarde V^a Excia. — Exmo. Snr. Presidente da Província de Santa Catarina. — O Presidente da Câmara: José Henrique Flores Filho. — José Joaquim Gomes e Jacob Luiz Zimmermann, membros”.

DOAÇÃO DE CERCA DE 400 LIVROS PARA A FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Em outubro de 1981 o Sr. Alfredo Iten realizou uma visita ao LIONS CLUBE de Winterthur — Suíça — ocasião em que foi consultado sobre de que forma poderia o LIONS — Winterthur colaborar com a cidade de Blumenau.

O Sr. Alfredo Iten sugeriu que fosse feita uma doação de livros à Fundação “Casa Dr. Blumenau””. E assim aconteceu.

Foram coletados cerca de 400 livros usados, versando sobre os mais variados assuntos de literatura clássica, romances e livros de consulta escolar. O Sr. Alfredo Iten conseguiu que a firma J. H. Bachmann — de Bremen (RFA) realizasse o transporte inteiramente gratuito da Europa até Itajaí.

O desembaraço alfandegário em Itajaí foi também gratuito, graças à colaboração espontânea do Sr. Nelson Seara Heusi, tendo sido pagos tão somente as taxas portuárias.

Há de se frisar que, embora a doação seja do LIONS-Winterthur, a atuação e o interesse do seu então presidente — Sr. Arnold Stucki (Ch - 8330 Pfäffikon - Zurique) foram fundamentais para coroar de êxito a iniciativa do Sr. Alfredo Iten, tendo se conseguido essa expressiva colaboração à Fundação “Casa Dr. Blumenau”.

NO ALTO VALE

Celso Liberato

Quem, de Blumenau, sobe a Vale do Itajaí pela rodovia asfaltada BR 470, atinge a cidade de Trombudo Central e de lá desvia pela antiga estrada Lages-Rio do Sul, passa ter á sua frente uma linda zona rural de formação nitidamente agrícola e pastoril, com as casas típicas de colonos o lavradores de cortinas e flores nas janelas.

E em redor os Gemüsegarten, os pomares e plantações, o gado leiteiro nas pastagens, tudo no bom estilo econômico da antiga colonização germânica.

Depois, o Braço do Trombudo, distrito municipal de Trombudo Central.

Aí, num aceso arborizado da estrada, a fonte de águas sulfurosas que descem da serra em corrente cristalina, e que para muitos são um porrete para doenças da pele.

E por que longe dos olhos, poucos sabem de sua existência, merece divulgada para conhecimento geral.

Havia antigamente ao pé da fonte uma pequena capela que abrigava muitos troféus como muletas, e outros objetos deixados pelos curados como atestados da cura.

Agora, o antigo hotelzinho das águas desapareceu para dar lugar a outro bem mais amplo e melhor instalado, que embora não seja um hotel estrelado, aglutina condições de bem acolher seus hospedes e visitantes, inclusive com banhos de água sulfurosa nos próprios apartamentos.

Mas naqueles retiros, nem só a fonte de águas é alvo de atenção, senão também o meio ambiente rico de montanhas e matas.

Um remanso de segurança e tranquilidade á margem do rio Trombudo.

Ar puro, imune de poluição.

E nada de barulho, de busina de automovel, de carro de propaganda, de estaladas de moto.

Nem de sustos nem de corre-corre nem de atropelamento.

E à noite — quem não sabe? — é dormir a solta naquele pequeno universo de silêncio e de paz, para só acordar no romper do dia.

Sob o alegre canto dos galos.

Daí a expectativa de que as virtudes curativas das águas de par com beleza da paisagem campestre venham a se converter em prestigioso chamariz turístico do Alto Vale do Itajaí.

No final, e recapitulando: águas, terras, ares e serras de Braço do Trombudo, uma bôa, como se diz hoje em dia.

Santa Catarina na História Militar

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart

1. Na Guerra do Paraguai: os Voluntários da Pátria.
2. Na 2ª Grande Guerra: os Pracinhas da F. E. B.

1. Para a Guerra do Paraguai (1865-1870) o governo mobilizou oitenta mil homens aproximadamente, dos quais, grande parte, Voluntários da Pátria. Como no Brasil não havia ainda a obrigatoriedade ao serviço militar e o Exército consistia no de linha e da Guarda Nacional, o Império sentiu a urgente necessidade de recorrer ao recrutamento de contingentes de voluntariado. A causa era a defesa, devido às invasões, às nossas fronteiras, cobiçadas por Francisco D. Solano Lopez, então ditador-presidente do Paraguai. Lopez já havia feito algumas incursões em território brasileiro, tendo invadido Mato Grosso com o propósito de ampliar a extensão de suas fronteiras (isto é, tomando terras para um Paraguai maior) e tomar das terras que aclamava serem suas e que maior parte dos paraguaios acreditava, pelo direito, serem deles por herança espanhola.

A Guarda Nacional era formada por civis, cidadãos municipais que ocupavam postos na política e procuravam manter a paz e a unidade auxiliando, assim, no estabelecimento da ordem local.

No Rio Grande do Sul a Guarda Nacional formava a cavalaria e foi de muita valia no início da campanha naquele estado sulino.

Também de reconhecida utilidade, a Guarda Nacional prestou excelentes serviços quando, convocada a auxiliar, deu provas da maior presteza. Foi o ânimo da G. N. que levou o Governo Imperial a assinar e mandar no mesmo dia 7 de janeiro de 1865 o decreto nº 3.371 que criava os Corpos de Voluntários da Pátria.

Formados por cidadãos de 18 a 50 anos, os voluntários recebiam como pagamento um soldo comum e cerca de 300 réis diários. Além de uma gratificação ao darem baixa e de um lote de terra nas colônias militares e agrícolas. Ante a possibilidade de serem agraciados com terras de 22.500 braças a enorme adesão verificada foi notável, pois muitos, em difícil situação financeira, viam nisto, a chance de deixarem algo para a família.

Embora para muitos tal legado não tenha se verificado, as causas couberam a um possível erro de interpretação da lei, ou por falta de informações exatas. O fato é que a posse das terras a quê

de direito pela participação na Guerra não foi efetivada, ou o foi muito pouco. É que as terras precisavam ser ocupadas pessoalmente. Como as terras da Colônia Militar mais próxima eram as da Colônia Militar de Santa Tereza, distante mais ou menos 100 km do local de colocação da produção regional mais próxima, muitos desistiram dela.

A adesão catarinense ao voluntariado foi significativa: 1.537 homens se alistaram. Desses, 969 como Voluntários da Pátria, 264 como Guardas Nacionais, designados, 180 como voluntários e recrutados, 99 substitutos, 1 liberto por particular e 24 substitutos libertos.

Todos praticavam ações heróicas e a eles haviam se juntado os estrangeiros, colonos alemães e suíços de Blumenau, Joinville e Brusque. Assim a pátria de agora sendo defendida por 77 homens que atendendo ao chamado de Governo Imperial, emprestavam seu serviço em honra da defesa nacional.

Da turma alistada por Santa Catarina, cinco oficiais defenderam com dignidade o Brasil na Campanha contra o Paraguai: tendo à frente do contingente o Comandante Capitão Victor August Louis von Gilsa — descendente de nobres e alemão de Hessen, deixou manuscrito incompleto em alemão, importante documentação histórica como complemento de anotação sobre a Guerra.

Cutros catarinenses se destacaram no cenário de lutas e entre tantos, o Cel. Fernão Machado. Conforme notícia de 12/2/1870 do Kolonie Zeitung — da Colônia Dona Francisca (trad. Rosa Herkenhoff):

“ Na segunda quinzena de fevereiro entraram em nosso porto (Desterro) os transportes “Galgo”, Vassimão” e “São José”, trazendo de regresso os primeiros voluntários da Guerra do Paraguai. O “Galgo” trouxe o 4º Batalhão da Bahia, o “Vassimão”, o 17º de Minas Gerais e o “São José” o 53º de Pernambuco. Esses batalhões formaram uma brigada de mais de mil homens, sob o comando do Coronel Faria Rocha. As tropas desembarcaram em Desterro para gozarem alguns dias de descanso.

Um fato ocorrido durante sua permanência em Desterro, demonstra o nobre sentimento daquele oficial. Por ocasião de uma parada sob o seu comando, aproximando-se da rua Fernando Machado, assim denominada em homenagem ao catarinense, Coronel Fernando Machado, morto na Guerra do Paraguai, o Coronel Faria Rocha arrancando o seu quepe, gritou: “Companheiros — Alto! Esta rua simboliza em seu nome um herói do Exército Brasileiro. Companheiros! Reverenciamos o nome do Herói Fernando Machado! Descobertos e em silêncio, a passo! — E os soldados todos, de cabeça descoberta e em silêncio, atravessaram, em marcha lenta, a rua Fernando Machado”.

2. Os pracinhas da F. E. B.

A participação de catarinenses na Força Expedicionária Brasileira na 2ª Grande Guerra foi expressiva: cerca de 956 soldados.

Na Itália, lado-a-lado com aliados americanos e ingleses, os pracinhas da FEB — como ficaram conhecidos, prestaram serviços de relevância à sua pátria e ao mundo.

Muitos catarinenses faleceram em operações no Teatro de Operações da Itália e entre eles o único oficial desaparecido em ação foi o 2º Tenente r/2 Ary Rauen. Natural de Mafra, tombou em Montese e pertencia ao 11º Regimento de Infantaria.

O contingente oriundo de Santa Catarina foi de 4% no total da participação nacional e tal mobilização deu-se com elementos vindos de todo Estado. Respondendo à defesa dos interesses internacionais, de cujo jogo o Brasil também participava, os ex-combatentes da secção de Santa Catarina hoje lembram, com orgulho, sua atuação na FEB.

A História de Blumenau revela:

O Diretor da Colônia enfrenta especuladores de terras e faz queixa ao Presidente da Província através de longa exposição, em 1862

(Copiados dos documentos históricos guardados nos arquivos da Baixa Saxônia)

CARTA ACUSATÓRIA DO SR. SCHADRACK

Exmº Sr. Presidente da Província.

O abaixo assinado e pouco tinha a honra de entregar a V. Exmª os requerimentos de 4 colonos da Colônia Blumenau, em que os mesmos propuseram comprar terras devolutas situadas no Ribeirão da Itoupava, afluente do Rio Itajaí-Grande.

Estes requerimentos tem sido indeferidos em consequência da informação dada pelo Diretor da dita Colônia, o abaixo assinado portador de outros 5 requerimentos relativos a terras devolutas, situadas na mesma localidade, toma a ousadia de acompanhá-los de algumas afeições para se for possível preservá-los da triste sorte de seus precessores.

O abaixo assinado, em 1860, propôs e depois efetuou a compra de 50.000 braças quadradas de terras devolutas, situadas de ambos os lados do Ribeirão da Itoupava com o fim de ali estabelecer um engenho de Serrar madeira, mandou derrubar 10.000 braças quadradas, construir uma casa mas não tardou de convencer-se de que a empresa

por ele projetada não poderia lhe dar lucro algum, enquanto ainda os outros lados do Ribeirão se encontravam 1.400 braças de mato, entre as terras do abaixo assinado e o estabelecimento mais vizinho, engenho de serra do Sr. Carlos Sasse. As dificuldades enormes com que tinha que lutar este, para conservar desobstruído o ribeirão das terras, seriam com efeito insuperáveis para um estabelecimento situado contra meia légua ribeirão acima.

Dirigindo-se por isso o abaixo assinado ao Diretor da Colônia Blumenau, e pedindo-lhe para que estabelecesse colônos naquele intervalo, respondeu-lhe este, que não podia fazer, por não saber se, aquelas terras concedidas a anos ao Sr. Cap. Henrique Flores, e por ele novamente concedidas a diferentes moradores do Rio Itajaí, eram ou não devolutas. Assim o abaixo assinado deixou de continuar na sua empresa e vai e Europa, para voltar em dois anos e ver se a este tempo se achar colonizado o terreno que está, tira quase todo o valor a sua propriedade.

Mas não é unicamente o interesse pessoal do abaixo assinado que impele a falar em favor dos requerimentos hoje por ele apresentados a V. Excia.

Ele na verdade, não conhece as razões de certo, muito valiosas em que saberia o Diretor da Colônia Blumenau para dissuadir a venda do terreno em questão, que hoje se sabe, sem com efeito devoluto, mas os poucos argumentos que transpiraram na conversação do dito diretor com os suplicantes parecer-lhes tão fracas, como justas as pretensões dos suplicantes: - um dos suplicantes, o Sr. Peneder possui a 7 a 8 anos um lote de terras com 100 braças de frente na margem do Rio Itajaí; este terreno por muito estreito, hoje já não chega para o gado do homem, extremamente laborioso, que já se viu forçado a vender parte dele por este motivo.

Foi, pois propor ao Diretor da Colônia Blumenau, a compra de 250 braças de frente, no ribeirão da Itaipava (sic), e este lhe respondeu que as venderia depois de ter ele lhe vendido o lote que atualmente possui. A outros disse o mesmo diretor que o Governo não queria colonizar a Itaipava e sim previamente o Rio Testo para estabelecer-se uma comunicação entre as Colônias Blumenau e Dona Francisca.

Ora, o Ribeirão da Itaipava, correndo em direção paralela a do Rio do Testo, parece que a sua colonização não contrariava aquele plano do Governo. Além disso, ambos os cinco suplicantes iriam para Rio Testo, se não lhes forem vendidas as terras que propõe comprar na Itaipava. O Sr. Peneder, ficaria no Rio Itajaí, e os outros 4 vindos a pouco da Europa sem auxílio do Governo e estando agora a espera de suas famílias, retirar-se-iam de uma Colônia e de uma Província aonde não puderam comprar com seu dinheiro, as terras, que lhes pareceram mais convenientes, e sim unicamente aquelas que lhes fossem outorgados pelo belo prazer de um diretor caprichoso. Igualmente o abaixo assinado ver-se-ia forçado a retirar definitivamente se o capricho diretorial do Sr. Dr. Blumenau, continuar a teimar-se contra a colonização da Itaipava.

Pouco importará, sem dúvida, retirarem-se da província ou do Império, 5 ou 6 famílias, mas contudo, em vez de gastar contos e con-

tos com o estabelecimento de mendigos, aventureiros ludibriados pelas promessas fabulosas dos Srs. Steinmann e seus semelhantes, e de pagar diretores para afugentar das colônias, como repetidas vezes, o que tem feito os Capitães, que aí podiam procurar o emprego rendoso seria, talvez, mais prudente e econômico, atirar a imigração espontânea de capitalistas inteligentes e industriosos, o que só se conseguirá vendendo como com tanto sucesso se tem praticado nos Estados Unidos, a cada um, quantas terras ele quizer, no lugar por ele mesmo escolhido. Sirvam estas nossas observações para predispor a V. Excia., em favor dos requerimentos que fui incumbido de apresentar-lhe.

Desterro, 3 de Junho de 1862.

C. W. E. Schadrack.

* *

DEFESA DO DR. BLUMENAU

“Ilm^o e Exm^o Sr.

O ilustre Dr. Antônio da Costa Pinto Silva, que desde o ano de 1855, ano que como Fiscal da extinta Repartição Geral das Terras Públicas, redigiu o meu contrato com o Governo Imperial, me honrou de sua inegualável simpatia e não recusou de me prodigalizar os seus bons officios, animando-me nas calamidades por que passei e assistido-me perante supremas autoridades do país, com que tive de tratar, me favoreço como um seu admirador quando pela derradeira vez, faz dois anos, dele me despedia entre certos amigáveis conselhos, apropriados a minha nova situação não de Diretor e empregado do Governo Imperial também com a advertência de me dirigir confiança e particular ou confidencialmente a 1^a autoridade da Província logo que me pareciam perigar os verdadeiros interesses da obra, a que me havia dedicado e continuava a dedicar a minha vida e forças.

Julgando-me no presente momento seriamente ameaçados esses interesses, ousou aproveitar-me daquele conselho e mui respeitosamente solicitar a benévola atenção e se tanto me for permitido o poderoso apoio de V. Ex^a para diferentes assuntos, que envolvem esta colônia.

Pretendia apresentar a V. Ex^a uma memória sobre estes assuntos mas sabendo, quanto é precioso o tempo de V. Ex^a, reservo a exposição mais ampla e vocal quando terei a honra de me apresentar pessoalmente a V. Ex^a, o que pretendo efetuar no mês que vem.

O assunto que desde muito me ocupa e inquieta, e ao mesmo tempo me causa muitos desgostos, intrigas e hostilidades, sem que contudo fique abalada a minha firmeza e fé nos princípios que desde três lustros e procuro realizar a conservação do território desta colônia e restam adjacentes para a colonização regular, sistemática e diretamente dependente do Governo Imperial, e a luta que continuamente tenho a sustentar contra os assaltos de uma onda de grandes e pequenos especuladores em terras, que fazem os possíveis esforços, para arrumar um pedaço após outro deste território e assim se enriquecer às custas do Governo, como do bem geral.

Para alcançar o seu fim, os tais especuladores empregam toda a sorte de artifícios e empenhos e muitas vezes até não receiam diante de expedientes maldorentos, para enganarem as autoridades superiores e subjetivamente obterem o despacho da Presidência, prodigalizando ainda quaisquer promessas de criarem grandes estabelecimentos rurais ou industriais, de continuarem a abertura de caminhos, etc... etc... E como os preços estabelecidos pelo regulamento desta colônia e proporcionados a boa ou a má qualidade e situação das terras, não inez fazem conta, nem tão pouco a se sujeitarem ao plano geral da colonização, desta parte adotado pelo Governo, dirigem-se logo e com preterição da direção desta colônia, à presidência, para impetrarem a vil preço as melhores parcelas de terras.

Apesar da minha cautela, não deixei de ser por diferentes vezes vítima de tais artimanhas, e assim aconselhado, enpreguei logo maior circunspeção, ao mesmo tempo a Presidência benévolente ordenou que não fosse definitivamente despachado requerimento algum, que esse referisse a compra de terras, sitas no Rio Itajaí, sem eu dar previamente a minha informação.

Assim e só assim, e resistindo eu com tenacidade às diferentes seduções e tentativas, tanto como empreendedor particular como logo mais tarde na qualidade de Diretor, foi possível reservar para a execução em grande escala de um bom plano de colonização regular e sistemática, e pôr à disposição do Governo o complexo de idoneas terras que hoje existem para este fim, no Itajaí Grande, sendo isso que se eu tivesse pedido e me desviado da minha verdade tal plano, atualmente, havia de lutar, pondo graves dificuldades além de ser dispendiosíssima.

Havia, pois, de ser sumamente doloroso para mim, se o que tenho reunido no apreço do amigo como tantas lutas e fadigas, e por causa de que tenho afrontado tantas intrigas e hostilidades, ficassem dilacerados e inutilizados, para o fim que tive em mira, e que é de abrir na colonização um vasto e apropriado campo, e evidenciar pela prática, que sendo tratado como sistema e acerto, e dirigida com probabilidade, e consciência dela mesma, bem há de cobrir uma grande parte das despesas inerentes, e não é o negócio tão dispendioso para a fazenda pública, como geralmente se acredita.

Um exemplo vivo de que avancei sobre especuladores, o Sr. Schadrack, desta colônia, que pretende apresentar-se com seus pedidos à V. Ex^a e ao Exm^o Sr. Ministro da Agricultura e como o conneço de uma discussão, que acabo de ter com ele, com o fim de conseguir da Presidência, a compra de uma considerável porção de excelentes terras, e uma favorável informação da minha parte, ele se comprometeu formalmente para comigo de estabelecer-se etetiva e pessoalmente nas terras requeridas, com lavoura e engenho de serrar madeira.

Procurei, segundo minha conveniência, dissuadí-lo de tal empresa e induzí-lo a ocupar terras em outra localidade desta colônia, de menor extensão, apresentado-lhe as dificuldades a vencer. Mas insistindo ele e repetindo a sua formal promessa de se estabelecer em todo e qualquer caso nas ditas terras, dei informação pessoal e então lhe

foi concedida a compra de 500 mil braças quadradas, que bem sabia escolher entre as melhores possíveis. Logo, porém, que se achou na posse delas, não se lembrou mais de promessa alguma, e tudo o que fez na área adquirida, e no que mui comodamente se podiam estabelecer 15 a 20 famílias, se restringiu a um derrubado e uma picada no mato que lhe servia para chegar à mesma terra.

Atualmente o Sr. Schadrack, há um ano viajou para a Alemanha com sua família e não é previsto que volte tão logo, visto que é homem de fortuna e que além da referida terra, que não lhe pode ser furtada, não deixou coisa que vale a pena da volta.

Antes porém de partir, ele se lembrou, de que existindo caminhos e comunicações etc. . . e achando-se cultivada e habitada as terras adjacentes a 8 anos, atualmente haviam de subir de valor e produzir na futura renda um lucro de 500 ou 800% e na louvável intenção de conseguir tal resultado, ele fabricou ultimamente nesta capital uma porção de requerimentos e que todos foram assinados por um e o mesmo morador da mesma (sic), e no que se requer a compra de terras na mesma localidade.

Tendo eu de informar, por estes requerimentos, e por ter na minha resposta ao Sr. Dr. Delegado José Ferraz, 1º — que as terras pedidas pertenciam ao território desta colônia, sujeito ao regulamento especial, e por esta razão, no meu meio de ver, deveriam ser vendidas conforme o mesmo regulamento, e por esta direção, 2º — que as vendas tanto nesta localidade, como em diferentes outras, porém no atual momento se tornam muito incoerentes, porque atravessam o plano geral do Governo a respeito da colonização do Rio Itajaí Grande, e tornam, quase impossível sua execução, sendo o fim deste plano, de ligar esta colônia, por meio de boas estradas e séries não interrompidas, de sítios cultivados, que se tem de estabelecer aos lados das mesmas, como a de D. Francisca, e o sertão tudo devoluto e à disposição do Governo, e da sistemática colonização que ali se estende para acima da serra, e finalmente; 3º — Que como numa probabilidade sob estes requerimentos se esconda uma outra nova especulação.

Declarando eu tudo isto francamente ao Sr. Schadrack, na contravérsia, que com ele sustentei a respeito destes requerimentos, e ainda, que deste seria mui injusto, vender-se a alguns privilegiados a braça quadrada de terras na Itoupava a 2 réis, e meia légua distante no Rio do Testo, aos outros colonos em geral ao duplo e triplo, segundo o regulamento, explorando-lhe a sua falta de boa fé no requerimento das formais promessas, que me havia feito, para conseguir a compra já efetuada, ele alegava, sem se lembrar, das minhas advertências anteriores, feitas quando se tratou de alcançar um favorável despacho da Presidência que sem a assistência ou presença de vizinhos, não podia fazer coisa alguma, que pretendia estabelecer um engenho de moer arroz, e para fim, precisava de cultivadores do mesmo gênero nas vizinhanças que um tão grande estabelecimento haveria de produzir consideráveis vantagens que eu bem podia deixar para os seus amigos, a vantagem de um preço barato, visto que eles mesmos que-

riam fazer caminhos etc... etc... e enfim que ele haveria de representar a V. Excia e se necessário fosse ao Governo Imperial.

Pode facilmente saber no laço (que não as conhece), as antecedências do Sr. Schadrack nesta colônia e não saber, que a sua atividade quase unicamente se restringia a pequeninos negócios e barganhas, não deixando ele como vestígio da sua presença nela nem sequer uma sofrível casinha, porque se contentou apesar de ser homem de fortuna com sua jovem mulher e tenros filhos, em miseráveis choupanas sem janelas. Para exercerem pois confiança às suas promessas, deveria apresentar alguma garantia mais real e sólida do que nas palavras duvidosas para não dizer falhas e era conveniente esperar em que primeiro volte da Alemanha e traga efetivamente as máquinas aperfeiçoadas de que fala. E quanto às promessas de fatura de caminhos até por seus protegidos e ele mesmo, hão de infalivelmente acontecer, o que já tantas vezes vem acontecendo: os interessados ou obrigados não hão de cumprí-las se não foram constrangidos judicialmente o que é quase inexequível e muito inconveniente, mas passados alguns anos de clamar e queixar do abandono em que jazem, hão de pedir uma boa estrada, sem contudo lembrar a promessa e o vil preço que obtiveram suas terras, e afinal das contas o Governo não poderá deixar e não deixará ainda de carregar também com esta despesa. Tendo mais cedo ou mais tarde, mas infalivelmente o resultado final, porque não há colonização sem boas estradas, entendo de resto é mais conveniente e faz mais este Estado tomar logo para si os encargos e gastos indispensáveis, e colher também os frutos, que tais melhoramentos produzem do que afinal, ficar sempre com aqueles gastos e deixar estas vantagens a alguns especuladores. O valor das terras que não tem boas comunicações é quase nenhum ou só nominal, entretanto que sendo elas criadas, o valor é muito súbito e real estabelecendo pois o Estado, tais boas comunicações não é senão razoável e equitativo que sobre das emigradas pelas suas terras um preço proporcionado e mais alto e que ele mesmo colha os frutos das suas despesas, partilhando-as com a grande massa dos emigrados, mas não os deixe correr por uns poucos astuciosos.

E ainda não é senão equitativo e razoável que fazendo o Estado grandes sacrifícios para vantajosamente arranjarem emigrados e proporcionar-lhes favores aos mesmos emigrados para desfrutarem de tais favores se subordinam aos planos e vistas gerais do Governo, a respeito da valorização, aplicando-se isto ao corrente, a vantagem que o engenho de arroz, hoje ainda muito problemático. O Sr. Schadrack e o estabelecimento efetivo, mas hoje, também ainda problema dos seus protegidos no Ribeirão da Itaupava, podem produzir não em proporção ao prejuízo que se causa à colonização do Itajaí, no geral se continuamente se admitem excessões, e assim se torna sempre mais difícil e desonrada a execução do grande desideratum: de abraçar o quanto antes as terras acima da Serra e estabelecer uma boa comunicação com elas e a Colônia D. Francisca. Logo que este desideratum for alcançado, será tempo de participar da colonização em outras partes adjacentes ou nas terras até então reservadas na

vizinhança da beira-mar. Estes no entretanto hão de subir de valor e formam um precioso fundo, cuja realização, se for efetuada com consciência, circunspeção e economia, valiosamente poderá cooperar para evoluir uma boa parte da despesa feita com a colonização anterior e ainda fazer com nossas estradas.

Tendo já demasiadamente abusado da paciência de V. Ex^a, vou acabar.

Ficaria sobremaneira ditoso se as minhas idéias a cuja realização dediquei os melhores anos da minha vida, merecessem também a valiosa aprovação e proteção e o benévolo apoio de V. Ex^a, como tiveram a fortuna de lográ-lo de outros distintos estadistas deste país e, anelo o instante, em que V. Ex^a se dignar de honrar esta colônia de uma visita. Aproveito esta ocasião para apresentar a V. Ex^a os protestos do meu profundo acatamento com que tenho a honra de ser.

Colônia Blumenau, 19 de maio de 1862.

Ilm^o Exm^o Sr. Conselheiro Vicente Pires da Motta.

etc. ... etc...

As. Dr. Bruno O. Blumenau - Diretor"

Cerimônia no Cemitério dos Imigrantes homenageou os primeiros colonizadores

Como parte das comemorações da "Semana de Joinville", foi realizada, no Cemitério dos Imigrantes, cerimônia de homenagem aos primeiros colonizadores, muitos deles sepultados naquele local. Na oportunidade, foi feita uma oração aos mortos e executadas músicas sacras, bem como proferida palestra pela historiadora Elly Herkenhoff abordando os primeiros anos da Colônia Dona Francisca e a existência do Cemitério dos Imigrantes.

A cerimônia teve início às 17 horas, com a palestra de Elly Herkenhoff, que reverenciou a memória dos colonizadores contando os primeiros anos em meio à selva que mais tarde fizeram surgir a cidade de Joinville. Bastante emocionada a pesquisadora relatou fatos históricos sobre os primeiros sepultamentos feitos na então Colônia Dona Francisca. Segundo ela, o primeiro enterro no hoje Cemitério dos Imi-

grantes, situado na Rua XV de Novembro, ocorreu no dia 27 de dezembro de 1851. Tratava-se de um jovem de 21 anos, ex-oficial da Marinha, Carl August Andreas Buerow.

Reverenciando os mortos

A historiadora Elly Herkenhoff, ao participar da cerimônia no Cemitério dos Imigrantes, em homenagem aos colonizadores ali sepultados, proferiu palestra, cujo teor, transcrevemos na íntegra:

"Este lugar em que nos encontramos, reverenciando os nossos colonizadores, tem uma longa história a nos contar. Se estas velhas árvores falassem ou estas lousas carcomidas pelo tempo, ou aqueles degraus, logo á entrada, na subida deste campo santo — se falassem — eles nos diriam coisas espantosas, de fazer chorar.

Aqui repousam os nossos ancestrais, os ancestrais de nossos amigos, ancestrais de muitas famílias joinvillenses, muito mais numerosas que seria de supor.

Antes de chamar-se Cemitério dos Imigrantes, este campo de paz era simplesmente cemitério evangélico ou protestante, para diferenciá-lo do cemitério católico, mantido pela comunidade católica, em extenso morro nas proximidades do atual Colégio dos Santos Anjos, com entrada pela rua Ministro Calógeras, em área hoje ocupada por residências.

No entanto, nem este cemitério e muito menos o católico, foram os primeiros da Colônia Dona Francisca. O primeiro sepultamento aqui se efetuou a 27 de dezembro de 1851, enquanto o primeiro falecimento já havia ocorrido a 31 de março daquele mesmo ano.

Na realidade, os primórdios de nossa colonização foram incrivelmente difíceis. Basta recordar que, além dos falecimentos ocorridos a bordo dos navios, durante as travessias de Hamburgo a São Francisco do Sul, somente o ano de fundação, 1851, terminou com um saldo de 45 imigrantes mortos na Colônia, para uma população de 389 pessoas.

Já em 31 de março, três semanas após a chegada do "Colon", registrou-se o primeiro caso fatal: morreu uma criança de apenas dois aninhos, chamada Katharina Engel — Engel, que significa "Anjo"...

E a partir de então, a tragédia ia prosseguindo — em abril, em maio, em junho, em julho, em agosto — com agravamento de um surto de desintéria bacilar, logo depois da chegada do terceiro navio de imigrantes de Hamburgo, o brigue "Gloriosa".

Um dos nossos primeiros cronistas, o capitão Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, em sua preciosíssima obra sobre a Colônia Dona Francisca, publicada em 1853 na Alemanha, depois de descrever as dificuldades com que lutavam os médicos para debelar o mal, nos diz a página 53 o seguinte:

“Conseqüentemente eram poucos os que saravam, e saravam muito lentamente. O sino anunciador de morte tornava sempre a dobrar. Eram pais que enterravam filhos, para segui-los dias depois, no mesmo caminho para o túmulo. Ninguém acompanhava um enterro, sem pensar em sua própria inumação, talvez bem próxima, no chão da floresta virgem...”

Breve, objetivo, contundente — aí está, escrito há mais de 127 anos, o depoimento do Capitão Rodowicz, que chegou no brigue “Gloriosa” testemunhando assim todo o desenrolar da tragédia que se abateu sobre a pequena comunidade, cobrindo de luto famílias inteiras. Era a mãe que falecia, ainda no vigor dos anos, era o chefe de família, deixando viúva e orfãos na miséria, era o amigo arrancado ao convívio dos amigos, era o noivo, morrendo ante o olhar estarecido da amada...

E todos aqueles 45 imigrantes, vindos com tamanha fé e com tamanha esperança de vencer, foram sepultados com covas abertas no fim da picada do Jurapé, onde o ribeirão Mathias atravessava a picada — isto é, na esquina das atuais ruas Nove de Março e Dr. João Colin.

Somente a 27 de dezembro, depois da chegada do primeiro pastor evangélico Daniel Hoffmann, realizou-se o primeiro sepultamento neste cemitério. Era um jovem, com apenas 21 anos, ex-oficial da marinha, Carl August Andreas Buerow, falecido a 26 de dezembro, segundo dia da festa de Natal, daquele primeiro natal na nova pátria...

É crença geral que o cemitério católico, mantido pela comunidade até agosto de 1930, nas proximidades do Colégio dos Santos Anjos, foi ali instalado nos primórdios da colonização de Dona Francisca — o que não corresponde à realidade. A Sociedade Colonizadora, por intermédio da Diretoria da Colônia doou este chão para cemitério de todos os cristãos, evangélicos e católicos. Este fato, importantíssimo, se comprava com uma notícia do “Colonie-Zeitung” o Jornal da Colônia, do dia primeiro de outubro de 1870. Publicada sem qualquer destaque, já que se tratava de assunto por todos conhecido na época. Diz a notícia:

“Foi adequado e sagrado recentemente, nas proximidades da igreja católica, um cemitério novo para a comunidade católica. Até aqui, o cemitério católico formava um só terreno com o cemitério protestante”.

Nenhuma dúvida, portanto: até outubro de 1870, quando era vigário da Paróquia São Francisco Xavier o eminente Padre Carlos Boegerhausen, o cemitério católico de Joinville se localizava também em determinada área deste terreno.

Todos nós sabemos que, desde o início da colonização, a esmagadora maioria dos imigrantes europeus era de confissão evangélica. Assim, entre os 389 habitantes em dezembro de 1851, havia 10 católicos apenas, sendo o número deles ainda muito diminuto, quando aqui chegou o primeiro vigário de Joinville, o padre Boegershausen, em novembro de 1857. No entanto, à medida em que vinham estabelecer-se na colônia Dona Francisca, famílias brasileiras, em sua totalidade católicas, o quadro foi se modificando aos poucos, a comunidade católica de Joinville foi crescendo, de modo que o livro de registro de óbitos da Paró-

quia São Francisco Xavier apresenta numerosos falecimentos de brasileiros, ocorridos até outubro de 1870, tendo todos os assentamentos, feitos em português pelo padre Boegershausen, a anotação: “sepultado no Cemitério Católico de Joinville”. Deste modo, com raras excessões, em que encontramos a observação: “sepultado no cemitério de Annaburg”, por exemplo ou “sepultado no cemitério da Estrada Comprida”, todos os católicos falecidos até outubro de 1870 — tanto luso-joinvillenses como teuto-joinvillenses, foram efetivamente inumados em determinada quadra deste chão, reservado aos católicos.

Muito importantes, no caso, são os assentamentos dos óbitos de escravos, uns oito até 1870, na maioria crianças de pouca idade, contendo sempre o nome do escravo e seu respectivo dono, assim como a anotação: “sepultado no cemitério católico de Joinville”.

É bem verdade que os imigrantes não possuíam escravos. Por um dispositivo governamental, a manutenção de cativos era proibida nas colônias que iam sendo fundadas. No entanto, antes mesmo da vinda dos primeiros imigrantes, havia nas cercanias das terras do Príncipe de Joinville vários fazendeiros e sitiantes brasileiros, possuidores de escravos. Além disso, as famílias brasileiras que vinham estabelecer-se em Joinville, oriundas das mais diversas localidades, traziam os seus escravos, em maior ou menor número, escravos que, batizados em igreja católica, quando falecidos, eram sepultados no cemitério católico de Joinville.

* *

A 30 de novembro de 1913 foi aberto o Cemitério Municipal de Joinville e no mesmo ano fechado este, realizando-se apenas mais alguns enterros em túmulos perpétuos. Em 1962 foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ficando a sua conservação aos cuidados da Prefeitura Municipal.

O Cemitério Católico, a Rua Ministro Calógeras, foi igualmente fechado em 1913, quando era vigário da Paróquia o padre José Sundrup. Em agosto de 1930 foi demolido, depois de feita a transladação dos restos mortais ali existentes para o Cemitério Municipal.

Este campo de paz é um patrimônio de nossa Cidade. Ao caminharmos por entre os seus vetustos jazigos, encontraremos nomes perpetuados nas páginas de nossa história, outros que nos lembram homens e mulheres que tudo, tudo deram de si, trabalhando uma vida inteira na obra comum, para filhos e netos de todas as gerações futuras.

Pisamos este chão sagrado com muito respeito e carinho, sabendo o que são inúmeros os jazigos identificáveis debaixo deste gramado nivelador, jazigos hoje irreconhecíveis, de gente como nós, gente que sofreu, lutou, amou, gente que riu e que chorou e aqui descansa para a Eternidade.

A todos os nossos colonizadores, respeitosa homenagem.

ACONTECEU... _____ Outubro de 1982

— DIA 1º — No Teatro Carlos Gomes, realizou-se o espetáculo — II Encontro de Corais, pertencentes a várias Fundações Universitárias de Santa Catarina. A promoção foi da FESC, da SEAOS e do Centro Iterescolar do 2º Grau “Hermann Hering”.

* *

— DIA 1º — No Teatro Carlos Gomes, instalou-se o 1º Salão Blumenauense da Criança.

* *

— DIA 4 — Com uma violenta implosão, técnicos da firma Hayashi demoliram o que restava da antiga ponte do Salto, para que em seu lugar o governo do Estado pudesse começar a montagem da nova ponte.

* *

— DIA 10 — No Teatro Carlos Gomes, realizou-se a solenidade de intalação do XXIII Congresso Brasileiro de Química e a Primeira Feira Brasileira de Química, cujo ato contou com a presença de numerosas pessoas.

* *

— DIA 14 — Foi aberta, às 20,30 horas, no Centro de Cultura de Blumenau, antiga prefeitura, a exposição de pinturas e desenhos do artista blumenauense Elio Hanemann, que obteve o mais absoluto sucesso pela excelência dos trabalhos expostos.

* *

— DIA 18 — Naquele dia, foi entregue ao prefeito municipal, pela Secretaria Municipal de Agriculultura, o relatório relativo às atividades do mês de setembro. Do mesmo consta a distribuição de 95.987 mudas de árvores para arborização e reflorestamento, das quais 47.987 foram distribuídas durante a Festa Anual das Árvores. O Serviço de Patrulha Mecanizada registrou, no mês de setembro, o atendimento a 315 propriedades agrícolas, sendo 295 com microtratores e 25 com tratores esteiras, cujos serviços perfizeram um total de 1.500 horas trabalhadas.

* *

— DIA 20 — No Teatro Carlos Gomes, realizou-se a sonelidade de instalação do 1º Seminário Brasileiro de Contabilização e Tributação de Operações Imobiliárias. O evento foi organizado pelo Sindicato dos Contabilistas de Blumenau, com a participação da Associação dos Escritórios de Contabilistas de Blumenau e Federação dos Contabilistas de Santa Catarina.

* *

— DIA 21 — Teve início, no Galegão, o Sétimo Festival Universitário da Canção, promovido pelo Diretório Central dos Estudantes da FURB, mobilizando para aquele local milhares de pessoas que fo-

ram aplaudir as 16 músicas que concorreram aos prêmios estabelecidos.

* *

— DIA 23 — Na cidade de Itajaí, onde realizaram-se as disputas dos XXIII Jogos Abertos de Santa Catarina, a representação de Blumenau conquista, pela 16ª vez o título de campeã, com extraordinário desempenho de seus atletas, recebidos com carinho e festivamente no seu retorno a Blumenau, tendo conquistado 58 medalhas de Ouro, 42 de prata e 36 de bronze. Em segundo lugar classificou-se Joinville, ao conquistar 49 medalhas de ouro, 31 de prata e 38 de bronze.

* *

— DIA 23 — Em solenidade realizada às 17 horas, foi inaugurada a nova ala da Escola Reunida Municipal “Conselheiro Mafra”, situada no Bairro de Velha Grande, cuja solenidade contou com autoridades municipais e grande número de populares.

* *

— DIA 24 — Após entusiástica participação do público que praticamente lotou as arquibancadas do Galegão, foi proclamada a música vencedora do VII Festival Universitário da Canção, recaindo a escolha na música “Porta Aberta”, de Edson Luis da Silva, de Blumenau.

* *

— DIA 24 — Tendo por local o Aeroporto “Quero-Quero”, realizou-se o Segundo Torneio de Paraquedismo Regional, promovido pelo Clube de Paraquedismo “fearos do Vale”, cujo acontecimento movimentou para aquele local grande número de aficionados, resultando daí um autêntico festival de saltos precisos e sensacionais.

* *

— DIA 26 — Com um jantar festivo, a Sociedade Desportiva Vasto Verde, localizada no Bairro da Velha, comemorou a passagem dos 38 anos de fundação, acontecimento muito importante na vida esportiva blumenauense, já que é o Vasto Verde detentor de numerosos títulos conquistados no basquete, no voleibol e noutros esportes, para o acervo de conquistas oficiais blumenauenses.

* *

— DIA 28 — Em solenidade que contou com a presença dos srs. vereadores e bom número de público, foram inauguradas as novas instalações da Câmara Municipal, localizada no novo prédio da Prefeitura.

* *

— DIA 30 — Às 17 horas, realizou-se a solenidade de lançamento da pedra fundamental da futura escola básica municipal da Rua Coripós, no Bairro da Escola Agrícola. A construção será iniciada imediatamente, devendo estar parte dela concluída em março próximo para abrigar alunos da classe pré-escolar e da 1ª a 4ª séries do 1º Grau.

* *

— DIA 31 — Relatório da Fundação “Casa Dr. Blumenau”, enviado ao prefeito municipal e aos órgãos de comunicação, informa que a Biblioteca “Dr. Fritz Mueller registrou, no mês de outubro, o total de 1877 consultas e mais 718 empréstimos de livros. O acervo, em outubro, estava em 68.451 volumes.

A mola propulsora do dinamismo de uma escola

O Conjunto Educacional Pedro II completa
quarenta anos de ensino sob o regime es-
tadual.

12-8-1942

12-8-1982

Conceição Nunes Tugeiro
Supervisora Escolar

Na atualidade, mudanças ocorrem no sistema de ensino. Os professores sentem uma pressão crescente, vinda ora da administração, ora dos alunos, ora da comunidade.

Nos últimos anos, as escolas têm sido submetidas a um grande número de críticas, sugestões e idéias. Parte dessa crítica tem sido justificada, parte tem sido irresponsável.

Administradores e pais pressionam professores, pois uma Escola deve funcionar sem atritos, e é de interesse fundamental que nela os alunos aprendam.

Como então motivar os professores para que evitem que a Escola pereça? Optamos em nosso trabalho de Supervisão, pela técnica do "ressurgimento do passado". — Temos uma História. Cabe-nos fazer jus a ela.

Acreditamos que as origens e a História do Conjunto Educacional Pedro II seja a mola propulsora de todo o seu dinamismo.

Criado, como Conjunto, pelo decreto nº 749 de 25-5-1976, sito nas ruas Alameda Rio Branco s/n, Floriano Peixoto, 651, Pandiá Calógeras, 105, estende-se o Conjunto Educacional Pedro II em uma área de 31.000 metros quadrados, aproximadamente. Seu Campus Educacional possui dez prédios, onde funcionam, respectivamente:

PRÉDIO I (1923)

1º grau matutino e vespertino — 22 turmas de 5ª a 8ª série
2º grau noturno — 11 turmas do Núcleo Comum

PRÉDIO II (1963)

1º grau matutino e vespertino — 14 turmas de 1ª a 4ª série
2º grau matutino e vespertino — 5 turmas dos Cursos de Magistério e de Redator Auxiliar.
2º grau noturno — 9 turmas dos Cursos de Magistério e de Redator Auxiliar.

PRÉDIO III (1969)

A — Salas de aula:

2º grau matutino e vespertino — 24 turmas dos Cursos de Oficial de Farmácia, Construção Civil, Núcleo Comum, Redator e Magistério.

2º grau noturno — 11 turmas dos cursos relacionados acima.
1 turma extra-escolar de Preparação ao Vestibular.

B — Salas Ambientadas:

a) Área Científica:

Laboratório de Física — Laboratório de Química — Laboratório de Biologia — Laboratório de Ciências.

b) Área de Humanidades:

Biblioteca Geral — Sala de Estudos Sociais.

c) Área Técnica:

Sala de Desenhos e Projetos Arquitetônicos

d) Área Artística:

Sala de Pintura (extra-escolar) — Sala de Música (*1)

PRÉDIO IV (1978)

Da Administração:

— Secretaria Escolar — Supervisão Escolar — Departamento de Pessoal — Direção Geral — Diretores de Curso — Associação de Pais e Professores — Arquivo.

PRÉDIO V (1978)

Cantina Escolar (com área para lazer)

PRÉDIO VI (1969)

Sala de Música — Sala de Banda — Sala de Fanfarra (*2)

PRÉDIO VII (1924)

Administração do Departamento de Educação Física — 20 professores.

PRÉDIO VIII (1981)

Três salas para Educação Especial de alunos com deficiência auditiva (extra-escolares).

Matutino e vespertino — 6 turmas

PRÉDIO IX (1982)

Futuro Ginásio Coberto que até o fim de 1982 ficará apto ao funcionamento intra e extra-escolar.

PRÉDIO X (1982)

Atual Coordenadoria Educacional, construída em terreno pertencente às ex-Escolas Reunidas Irmãs Benvarda, anexadas ao Pedro II pelo Decreto nº 641, de 18-8-1971.

Somente os prédios I e VII nos foram legados pela Sociedade Escolar da Vila de Blumenau, entidade de caráter particular e que nos idos de 1º de maio de 1889 deu origem ao Conjunto Educacional Pedro II.

Como estabelecimento de ensino, temos 93 anos de existência; porém, integrados à rede pública estadual, através dos Decretos 2.747, de 12-8-1942, sob o nome de Grupo Escolar Modelo Pedro II, e, do

Decreto 2.748, sob o nome de Curso Complementar Pedro II, completamos 40 anos.

No período de transição de Escola Particular para Escola Estadual (1942-29-46) teve a Grupo Escolar Modelo Pedro II como Diretores:

1942 - Rodolfo Gerlach — 1942 - Abelardo de Souza — 1945 - Orlando Ferreira de Melo — 1946 - Zuleika Mansani.

Certo que durante muitos anos considerou-se a equiparação do Curso Complementar Pedro II ao Curso Normal, pelo Decreto-Lei nº 316, de 4-12-1946, como data da fundação da Escola; mas, esta não era senão mais uma etapa da vida do Educandário que se esforçava sempre por corresponder aos anseios da comunidade blumenauense e jamais perecer.

A permanência da professora Zuleika Mansani na direção do Grupo Escolar Modelo Pedro II, sob jurisdição estadual, e o acesso, pela segunda vez, da direção do Sr. Rodolfo Gerlach, desta feita na direção do Curso Normal, são provas evidentes de que no momento, o que era criado era a jurisdição federal no educandário e o término do Curso Complementar, equiparado ao Curso Normal.

Esteve o Pedro II, até 1958, sob a administração do Sr. Gerlach. Funcionando desde 1947, somente pelo Decreto 880, de 5-1-1951, o ginásio foi criado. Em 7-1-1957 o Curso Colegial foi aprovado pelo Decreto 294.

Quando em 1958 o Sr. Rodolfo Gerlach deixou a administração escolar, a Escola não era só Normal Pedro II, mas também Colégio Pedro II, com os famosos Cursos Clássico e Científico.

Durante a administração do sr. Gerlach sucederam-se como diretores do Grupo Escolar Modelo Pedro II:

1949 - Iris Fadel — 1950 - Jair Silva — 1951 - Alberto Crúcio — 1953 - Leda Vaz Laux — 1955 - Lúcia Lucchesi dos Santos — 1956 - Josefina Silveira (*3).

Pela portaria 1219, de 1959, o Sr. Wigand Gelhardt assumiu a direção do Colégio e Escola Normal Pedro II. Dando prioridade às Relações Humanas e ao desenvolvimento de um clima de boa vizinhança, conseguiu, graças à sua hábil diplomacia, que os órgãos públicos devolvessem ao Colégio o prédio do mesmo, onde funcionava o Setor da Malária.

De tal modo cresceu o número de alunos sob sua administração, que o Salão de Ginástica do prédio VII foi adaptado para salas de aula.

No curto período de pouco mais de três anos (28-8-1959 — 27-3-1963), o sr. Wigand Gelhardt marcou de tal forma a Escola com sua presença que, até hoje, ela caminha com sua colaboração administrativa.

O Grupo Escolar Modelo Pedro II teve na época os seguintes diretores:

1959 — Josefina Silveira — 1961 — Antonia Alves Barraca

Durante a gestão do sr. Joaquim Floriani (27/3/1963 até 28-4-1974), foram colaboradores na direção do Grupo Escolar Modelo

Pedro II, conhecido como Escola de Aplicação Pedro II, os seguintes diretores:

1964 - Doris San Severino — 1966 - Amália Silva Anders — 1968 - Laura da Silva Siqueira — 1971 - Amaury Pacheco.

Muito permanece da pessoa do sr. Joaquim Floriani no Conjunto Educacional Pedro II. Sabedor do quanto uma escola se enobrece se possui normas e leis sólidas, foi ele quem deu ao Conjunto Educacional Pedro II sua estrutura disciplinar. Era necessário que a opinião pública voltasse a acreditar no Pedro II. Espaço fazia-se necessário, pois parte da Escola funcionava no Prédio VII e no G.E. Luis Delfino. Começou-se a construção do Prédio III, onde seriam instalados os laboratórios, e do Prédio VI, onde funcionavam (1969-1981) as salas de Técnicas Industriais e Comerciais.

Era o início da abertura Escola-Comunidade.

Com a reforma do ensino fez-se mister a adaptação do Colégio à mesma e embora somente em 9-9-1975 pelo Decreto 902 os cursos de 2º grau tenham sido aprovados, o esforço veio antes.

A Associação de Pais e Professores foi recriada, ou melhor dinamizada, pois já existia no G. E. Modelo Pedro II desde 29 de fevereiro de 1948.

Foi, porém, na época do sr. Joaquim Floriani que o professor Lothar Kriek começou a criar as hoje comuns e tradicionais Feiras de Ciências. Fizeram sucesso as que tiveram lugar no Colégio, de tal modo que a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso de Ciência (SBPC) escolheu o ambiente da Escola para nele realizar-se.

A apresentação oficial da hoje famosa Banda Escolar teve lugar em 5-10-1969. Começou no mesmo ano o Coral. Pouco mais tarde a Escolinha de Pintura.

O sr. Joaquim Floriani foi substituído na administração escolar do Pedro II pelo sr. José Valdir Floriani, de 28-4-1974 até 30-7-1975.

Sendo, antes do mais, um professor, soube, o sr. José Valdir Floriani, imprimir ao Pedro II, novas regras de ação. Com o advento da Lei 5692, era necessário adaptar a Escola à mesma. A Autorização nº 114/SEE/1974, permitiu que a primeira série do segundo grau começasse a funcionar. Outrossim, fazia-se mister uma modificação do regimento interno escolar e, no relatório da Secretaria Escolar, fala-se de um Ofício s/n enviado à Secretaria da Educação no ano de 1975, nesse sentido.

Ao deixar a administração do educandário, viu, o sr. José Valdir Floriani, completar-se a adaptação do 2º grau do Pedro II à lei 5692, a qual foi aprovada pelo Conselho Estadual de Educação através do parecer de 25-2-1975 e de agosto de 1975 do mesmo Conselho.

Desde 1974, pertencente ao quadro do pessoal escolar, o sr. Amaury Pacheco exerceu no educandário, funções das mais simples às mais importantes. Foi para os Governadores de Santa Catarina do período, o Homem com o qual sempre puderam contar.

Efetivamente nomeado Secretário Escolar em 1949, exerceu

funções de professor de Trabalhos Manuais em 1950, e de Educação Física de 1954 a 1959.

Atuando, primeiro como Assistente de Direção em 1962, substituiu várias vezes o diretor geral. Nomeado Diretor do 1º grau de 1971 a 1975 foi assessorado no cargo por D. Laura da Silva Silveira no que concerne à 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série. No período de 1975 a 1978 exerceu funções de Diretor Geral para o qual só foi efetivamente nomeado pelo ato 4582/78 do Governador. Somente em março de 1981 foi reclassificado, de modo satisfatório, mas pouco usufruiu da reclassificação, pois, em outubro de 1981, aposentou-se. (*4).

Foram auxiliares diretos do sr. Amaury Pacheco:

Diretores do 1º grau:

1976 — Helga Emmel Koch

1977 — Ivone M. Jensen

Diretores do 2º grau:

Gelíndio Busarello

Gelíndio Busarello

Do ponto de vista pedagógico, auxiliado por seus colaboradores, o sr. Amaury Pacheco viu em 1975, pelo Decreto 902, de 09 de setembro, o Governador do Estado aprovar a adaptação à lei 5692/71 dos seguintes cursos do 2º grau: Magistério da 1ª à 4ª série do 1º grau e Técnico Redator Auxiliar.

Em 1978 foi autorizado o funcionamento dos cursos de Habilitação Básica em Construção Civil e Oficial de Farmácia. Ainda no mesmo ano, o sr. Amaury Pacheco providenciou a inauguração dos Prédios IV e V, respectivamente destinados à Administração e à Cantina Escolar.

Ainda sob sua gestão, em 1981, foi inaugurado o Prédio VIII, destinado à Educação Especial de Deficientes em Audição ou Visão.

Ingressando como substituto da professora de Inglês, Betty Clemens, em 1º de março de 1963, pela portaria 455/SEE, ficou efetivamente pelo Decreto 1377/agosto, Professor de Disciplina, o Sr. Gelíndio Busarello. Tendo feito o Curso de 1964, tornou-se efetivo no Pedro II para lecionar Português no, então, ciclo médio existente.

Foi nomeado Diretor do 2º grau assim que o mesmo teve início em âmbito escolar, sendo que, exerceu as funções de 1971 até outubro de 1981, onde aceitou substituir o sr. Amaury Pacheco na função de Diretor Geral.

Como Diretor do 2º grau, caracterizou-se pela capacidade de utilizar nos professores toda a potencialidade dos mesmos, visando a transformá-los em verdadeiros Educadores.

Diretor Geral, no ano em que o Conjunto Educacional Pedro II completa 40 anos de Regime Estadual e 93 anos como estabelecimento de ensino, marca tal data inaugurando em novembro o Prédio IX do Conjunto: o esperado Ginásio de Esportes.

Com a criação dos vários cursos de 2º grau em diferentes escolas estaduais de Blumenau, mantém-se o Pedro II com três mil alunos. Com esse número de matrículas, busca-se um melhor índice de qualidade do ensino.

Os Recursos Humanos do Conjunto Educacional Pedro II, no presente, contam com:

— Corpo Administrativo — 70 funcionários

— Corpo Docente — 115 professores

Com a colaboração dessas 185 pessoas, o Conjunto Educacional Pedro II prepara-se para a festa de comemoração do seu Centenário como estabelecimento de ensino: 1889 — 1989.

Oxalá a casa esteja arrumada e pronta para recepcionar nela todo ex-funcionário, professor ou aluno que se orgulhe dela! Parabéns ao Conjunto Educacional Pedro II por ter servido ao Estado durante quarenta anos!

NOTAS:

- *1 — Cada um dos prédios anteriores dispõem de:
Sala do Administrador, Sala do Orientador, Sala do Assessor Pedagógico, Sala dos Professores.
- *2 — Antigo prédio das Técnicas Industriais anexo ao futuro Ginásio Coberto.
- *3 — Não consideramos os professores diretores substitutos.
- *4 — O sr. Amaury Pacheco disputa hoje um cargo político no município.

Você Sabia?...

Frederico Kilian

...que a 17 de Abril de 1863, foi fundada pelo Pastor Oswald Hesse, de Blumenau, a Comunidade Evangélica de Brusque, realizando na oportunidade o primeiro "Gottesdienst" no rancho dos imigrantes?

* *

...que em 18 de Junho de 1866 é realizada a primeira Missa Cantada na Colônia de Brusque, por ocasião da inauguração e bênção da pequena Igreja católica na sede, construída por iniciativa dos colonos Pedro J. Werner e Pedro J. Heil, sendo celebrante da missa o Padre Gattone?

* *

...que a 14 de julho de 1866, Carl Marchner, Germano A. Thieme, Ferdinand Joenck, Heinrich Petermann, Frederico Schwarten, Teodoro Deeke e Wilhelm Wandrey fundaram a "Schützenverein Brusque. (Sociedade de Atiradores de Brusque)?

* *

...que em 1737 foi criada a primeira guarnição militar em Santa Catarina, com soldados enviados pelo Governador da Praça de Santos?

* *

...que o primeiro curtume de couro, segundo relato de Dr. Blumenau, foi estabelecido na Colônia, em 1872, pelo — Colono João Carlos Adam, vindo da colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul?

...que por volta de 1838, colonos que vieram da Colônia São Pedro de Alcântara, se estabeleceram em Belchior?

* *

...que a iluminação elétrica da cidade de Luis Alves, foi inaugurada a 12 de Fevereiro de 1927

* *

...que a cidade de Palhoça teve como fundador Caetano Silveira de Matos, que, em 1793, por ordem do governador João Alberto de Miranda Ribeiro construiu um "armazém ou palhoça nos matos da Terra Firma, para fazer um depósito de farinha com que pudesse subsistir naquele lugar, caso visse na precisão de se retirar a ele, depois de fazer na Ilha toda a oposição que lhe fosse possível, ao inimigo espanhol?

* *

...que o atual município de Itaiópolis, constituiu-se da antiga Colonia Lucena, criada pelo Governo Federal em 1890 em território então sob jurisdição do Paraná, chegando para a mesma os primeiros colonos em 1891?

* *

...que esses primeiros colonos eram de nacionalidade inglesa e algum poloneses e russos?

* *

...que a Freguezia de São Paulo Apóstolo de Blumenau, foi solenemente instalada a 2 de Junho de 1878, criada pela Lei Provincial Nº 694 de 31 de Junho de 1873?

* *

...que o primeiro espetáculo cinematográfico realizado em Blumenau, ocorreu no salão do Teatro Frohsinn, a 9 de agosto de 1900, tendo despertado grande admiração dos espectadores?

* *

...que a Lei nº 709, de 17 de abril de 1874, autorizou a criação de três ou mais aldeamentos para a civilização dos bugres, um em São Francisco, outro em Joinville e outro em Itajaí, mas que esse dispositivo legal nunca foi concretizado?

* *

...que a colonização de Rodeio ocorreu por volta de 1875, quando uma leva de imigrantes italianos e austríacos vindos de Tirol, Veneza, Genova, Bréscia, Treviso e Áustria em número de 120 famílias, se estabeleceram na picada de Rodeio?

* *

...que o distrito de paz da Colônia de Blumenau, foi criado por ato do Presidente de Santa Catarina, Dr. João José Coutinho, em data de 7 de Maio de 1859?

* *

...que a primeira igreja a surgir em Rio dos Cedros, foi a de N. Sra. das Dores (Madonna Addolarata) no ano de 1875 na pequena comunidade de Pomeranos?

* *

(Excertos de "Blumenau em Cadernos, Tomos XII, XIII e XIV.)

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHA-NÁZIO

I — O RETORNO DO POETA

Conheci Pedro Grisa na época em que nós dois, isolados num recanto do Estado, constituíamos a “Escola Canoinhense”, nome meio sardônico que dávamos à nossa própria dupla de abencerragens das letras mais ou menos perdidos em meio ao generalizado desinteresse. (Fernando Tokarski e Mário Tessari seriam de outra “geração” da “Escola”.) Embora com a vaga impressão (cada vez menos vaga) de que escrevíamos um para o outro, tão distante e tardio era o eco que o correio às vezes nos devolvia, não nos furtávamos de encher colunas dos pequenos jornais locais.

Foi nesse tempo que publiquei meu primeiro livro e Pedro lançou o seu “Faróis dentro da noite”, cujas orelhas tive ocasião de escrever, focalizando o cronicontista peculiar que ali se apresentava ao público. Promovemos o lançamento desses e de outros livros, tanto lá como em cidades vizinhas, com surpreendente sucesso, mostrando que muitas pessoas liam o que levávamos aos jornais e não era totalmente sem proveito o nosso trabalho.

Depois nos separamos e Grisa, por várias razões, esteve afastado do Estado e das coisas literárias. Volta agora, com este volume, a reatar relações com essa amante exigente, dotada da propriedade exclusiva dela de gerar dependência — a literatura. E o autor sucumbiu aos chamados exatamente pela forma como se iniciou no vício, isto é, pelo verso, já em Pedro Grisa primeiro desabrochou o poeta e ele está presente em tudo que sai de sua pena.

“Perspectivas P(r)o(f)éticas” reúne um conjunto de poemas bastante denso, cheio da vivência e do trabalho onde se detecta a sensibilidade de um artista que se alimenta das sensações de cada momento da existência. As perspectivas que extrai e que vão se desenvolvendo ao longo do volume mostram que soube colher no dia-a-dia o que existe de poético e colocá-lo na devida vestimenta literária. Homem que alia a cultura à bondade, tudo que através dele se filtra revela confiança otimista e inconformismo diante do que tem o mundo de mau, injusto e feio.

Alguns de seus versos refletem o suave saudosismo dos dias vividos, no bucolismo da roça ou na agitação da cidade, com as variações do sentimento próprias a cada um desses instantes. Mas é na evocação da infância, com o verde luxuriante da mata, as águas cristalinas e a paz silenciosa que o poeta transmite aquela carga algo melancólica de certos trechos de Godofredo Rangel.

Nas cinco “perspectivas” de que se forma o livro, depara-se o leitor com o poeta frente à compulsão interior que o leva a escrever

e a gestação da obra ("O poema"), à antevisão que a lucidez desse misto de poeta/profeta vaticina ("O p(r)o(f)eta"), à sua posição diante da Vida, do Amor e do Mundo. Um livro, enfim, rico de sugestões e de beleza, feito por um poeta mais maduro e experiente, que agradará sem dúvida aos mais exigentes aficionados da poesia.

Aqui deste canto saúdo o retorno do companheiro à velha confraria e o convido para que dela não se afaste mais.

* *

II — LIMA BARRETO HOMENAGEADO



LIMA BARRETO

Durante vários dias Blumenau rendeu seu tributo a Lima Barreto (1881/1922), um dos mais importantes escritores brasileiros e cujo centenário de nascimento foi celebrado no ano passado.

Numa promoção encabeçada pelo Conselho Municipal de Cultura (CMC) e que contou com a participação da Fundação Casa Dr. Blumenau, do Departamento de Cultura do Município e do Setor de Cultura da FURB, foi levada a cabo uma programação intensa durante os dias 22 a 24 de setembro, contando com a presença do bancário carioca Nelson Bravo, estudioso da vida e da obra do escritor, além de proprietário de um vasto acervo bibliográfico e

documental sobre o criador de "Isaias Caminha". A imprensa deu uma cobertura impecável, valorizando sobremodo o evento.

Constou a homenagem de uma palestra sobre "Lima Barreto e o Teatro", proferida para as turmas do Curso de Educação Artística da FURB, com a colaboração da Prof^a. Edith Kormann; de uma palestra sobre "Vida e Obra de Lima Barreto", proferida para os acadêmicos do Departamento de Letras da FURB com a colaboração da Prof^a. Yolanda Tridapalli, e o público em geral, e uma palestra para os alunos do Colégio Santo Antônio, com a colaboração do Prof. Gervásio Luz. Todas foram pronunciadas pelo referido Nelson Bravo e nas duas primeiras houve a projeção de um pequeno filme sobre o escritor.

Na noite de 22 de setembro, no prédio da antiga Prefeitura, era aberta ao público a mostra iconográfica sobre Lima Barreto, organizada pelo mesmo Bravo e de sua propriedade, ocupando três grandes salas que ficaram repletas de peças alusivas ao escritor carioca. Fotografias, reproduções e caricaturas de Lima Barreto, seus amigos e figuras de sua época, das capas de todos os seus livros, em diferentes edições, e de livros a respeito dele, da autoria de seus estudiosos e biógrafos, com destaque especial para o acadêmico Francisco de Assis Barbo-

sa, reconhecido como o maior e insuperado biógrafo do escritor, e inúmeros outros documentos, reproduzidos ou ampliados, a cores ou em preto e branco, das mais variadas fontes, num trabalho exaustivo em que Nelson Bravo consumiu nada menos que dois anos. Uma exposição colorida, viva, alegre.

Destaco a nota, para mim muito cara, de um painel com os bilhetes de Carlos Drummond de Andrade, encaminhando ao autor da mostra os meus artigos sobre Lima Barreto, publicados no "Suplemento Literário de Minas Gerais", provocando assim o nosso encontro. A exposição permaneceu aberta até o dia 28 e foi bem concorrida, em especial por estudantes. Foi a primeira vez que o acervo, em seu conjunto, incluído inúmeros livros, jornais e revistas, foi exibido e nunca se divulgou em nosso Estado, com tanta intensidade o autor de "Vida Urbana".

Na mesma noite, através de decreto do Prefeito Ramiro Ruediger, entregue na ocasião ao Presidente do CMC, passou a existir de direito o "Centro de Cultura de Blumenau", integrando as entidades culturais do município e ocupando todo o prédio da antiga Prefeitura, que tem raízes na história de Blumenau, eis que foi construído em 1875. Liga-se assim a figura de Afonso Henrique de Lima Barreto, indissolúvelmente, à memória do "Centro Cultural de Blumenau", cuja primeira promoção, marco inicial de sua história, homenageou um escritor nem sempre justificado na sua própria cidade natal.

Dalto dos Reis é o novo prefeito de Blumenau

Neste dia 15 de Novembro de 1982, os eleitores blumenauenses foram às urnas para cumprir o dever democrático de escolher, entre senador, governador do Estado, deputados federais, estaduais e vereadores, o seu novo prefeito. Depois de apuradas as urnas, a escolha recaiu na pessoa do advogado Dalto dos Reis, blumenauense de nascimento, com a idade de 37 anos.

A vitória de Dalto dos Reis foi muito festejada pela maioria que o elegeu e, após conhecidos os resultados, o jovem prefeito eleito concedeu entrevista quando afirmou que juntamente com seu companheiro eleito, o engenheiro Paulo Oscar Baier, o seu propósito de realizar um governo essencialmente popular, levando os benefícios de sua administração a todas as camadas da população blumenauense.

O mandato do novo prefeito blumenauense é de seis anos, durante os quais, segundo suas declarações, deseja cumprir o que prometeu em seu propósito de governo.

Dados biográficos e currículo

Dalto dos Reis nasceu no bairro de Vila Nova, em Blumenau,

em 1945. Desde a infância e juventude, foi um estudioso, tendo sido sempre aluno aplicado, desde o curso primário até o universitário, quando formou-se advogado pela Universidade Federal de Santa Catarina. Em 1970, foi assessor especial do então prefeito Evelásio Vieira, para assuntos jurídicos. Dois anos mais tarde, matriculou-se no curso de pós-graduação na Escola Nacional de Serviços Urbanos do Instituto Brasileiro de Administração — IBAM — no Rio de Janeiro, onde permaneceu durante um ano, até ser diplomado. Ao seu retorno a Blumenau, em 1971, foi contratado para exercer as funções de Técnico e Secretário Executivo da Associação dos Municípios de Médio Vale do Itajaí — AMMVI, prestando assistência técnica e jurídico-administrativa àquela entidade durante 3 anos, atendendo assim a 13 prefeituras da microrregião, evidenciado com seu trabalho, sua capacidade técnica e conhecimentos de administração pública, adquiridos no curso pós-graduação no IBAM.

No governo de Felix Theiss e posteriormente de Renato Vianna, Dalto dos Reis prestou sua colaboração na Secretaria de Finanças e na Secretaria de Administração. Sua formação de liderança, ele a trouxe desde os tempos de estudante, quando participou ativamente da política estudantil, tendo sido por duas vezes Presidente da extinta União Blumenauense de Estudantes. Foi Presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Santa Catarina, além de Presidente do Diretório Central dos Estudantes da UFSC.

Dalto dos Reis é casado com dona Raquel Maria Pimentel de Oliveira dos Reis. Possui dois filhos: Sabina, de 5 anos e Rodrigo, de 1 ano.

Sua posse dar-se-á dia 1º de Fevereiro de 1983.

Engº Paulo Oscar Baier

O vice-prefeito eleito para o período de seis anos a partir de 1º de fevereiro de 1983, é o engenheiro Paulo Oscar Baier, nascido em Blumenau no ano de 1944. É engenheiro civil, formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Exerce há muito tempo o cargo de Professor dos Cursos de Matemática e Engenharia da FURB, tendo sido também Diretor da Faculdade de Engenharia daquela instituição universitária. Na vida política, Paulo Oscar Baier exerceu as funções de Presidente do Diretório do PMDB blumenauense, conduzindo-se sempre com muita seriedade e retidão. Na administração pública blumenauense, Baier ocupou, nos últimos dez anos diversos cargos, como o de Secretário de Obras e Serviços Urbanos, Diretor Técnico e Diretor Presidente da Campanha Urbanizadora de Blumenau. Sua escolha para candidatar-se às eleições, deu-se em pleito realizado no Diretório do PMDB, quando este o indicou para ser o candidato a vice-prefeito na chapa encabeçada por Dalto dos Reis.

Paulo Oscar Baier é casado com dona Iara Baier. Possui três filhos: Paulo Oscar, de 12 anos, Leandro, de 9 anos e Luiz Felipe, de anos.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, NA ALEMANHA

— De farmacêutico a colonizador —

2º VOLUME

Nemésio Heusi

(Continuação do número anterior)

— Quem sabe Fritz, se eu conversar, seriamente, com seu pai, ele cederá?

— Doce, santa e ingênua ilusão, meu tio! O “Pastor” é teimoso e ditatorial. Encasquetou naquele cérebro inflexível, que eu terei que ser médico, e ninguém, nem o Deus de sua religião, o demovera dessa sua idéia fixa, que já se tornou uma obsessão doentia, não de um pai, e, sim, de um déspota doméstico, familiar, desses que a burguesia é pródiga em gerar nesta nossa Alemanha, dividida e subdividida, em dinastias e aristocracias burguesas, já de há muito cobertas pelo bolor do tempo!

— Quanto tempo tens para te matricular, meu sobrinho?

— Estou com vinte anos. Já devia ter me matriculado este ano, mas consegui transferir para o ano que vem.

— Vou amanhã conversar com teu pai, e meu cunhado. Está sendo por demais teimoso contigo, vou tentar, vou ver se o demovo dessa sua obstinada e irreduzível mania de imposição.

— Se quer tentar, tente, porém, faça-o longe de mamãe, porque vai haver discussão e ela, pobre coitada, já sofreu bastante com nossas brigas.

— Não! Não vou a tua casa não! Vou chamá-lo ao meu escritório, ele virá correndo, a pensar que se trata de alguma doação para sua igreja.

— Ótimo, tio! Então faça logo. O que me aborrece em papai é que ele sabe que eu tenho adoração por minha mãe e acabarei cedendo para não desgostá-la. É isso que me deixa louco de raiva.

Blumenau, tudo ouvia e não se metia em discussão de tio e sobrinho, eram assuntos por demais domésticos, que não lhe diziam respeito, e o seu silêncio era altamente oportuno.

E os dois continuavam, cada vez mais interessados.

— Cuça bem, meu tio! Cuça com atenção a nossa briga de ontem à noite, ainda bem que em meu quarto, longe de mamãe que já dormia. Papai entrou em meu quarto, eu estava estudando e desenhando meus insetos para uma ilustração de um livro de Botânica de meu professor.

— Fie desenha magistralmente, Blumenau,

— Eu conheço seus desenhos, são extraordinários, Trommsdorf.

— Eu não peço mais mesadas ao papai. O que ganho com meus desenhos dá bem para viver. Papai fechou a porta e perguntou: “Não estás precisando de dinheiro, Fritz? Há mais de três meses que não pedes a mesada, meu filho.”

“Não senhor, meu pai, muito obrigado.”

“Já tenho todos os papéis que terás que levar para tua matrícula, o ano que vem, na Universidade de Medicina de Berlim”.

— Eu fiquei branco de raiva, mas me controlei: “Quer dizer que o senhor, meu pai, insiste que estude medicina contra minha vontade?”

“Sobre este assunto não haverá mais discussão. Prepare-se para, o ano que vem, ir para Berlim”.

“Papai, o senhor já notou que eu não uso mais fraldas? Já estou grandinho. Que tenho vontade própria. Que começo a dar corpo à minha personalidade?”

“Cuidado com as tuas irreverências, Fritz, exijo respeito!”

“O senhor exige respeito! Nunca pensou, senhor meu pai, que eu também devo ser respeitado, em minha vontade, principalmente naquilo que quero ser, profissionalmente, para viver minha vida futura? Que tenho minha vontade própria. Que tenho caráter, honra, dignidade, e que todo o conjunto destas forças morais constitui os alicerces da minha personalidade. O senhor me impondo estudar uma matéria que não quero estudar, porque já tenho escolhida a Botânica, e o maior de meus sonhos, ser naturalista, porque amo a Natureza e tudo que nela vive? O senhor, meu pai, está ferindo a fundo a minha personalidade em formação, pois sou apenas, um jovem de vinte anos, meu pai!”

“Ser médico meu filho é a mais digna e nobre das profissões!”

“Não estou dizendo contrário, papai! Estou apenas, alegando que ela, a profissão de médico, não me seduz. Estou sendo leal, franco, verdadeiro para com o senhor, e o senhor, não, para comigo!”

“Por que se atreve a dizer que sou desleal?”

“Simplesmente porque o senhor sabe que vou aceitar e ceder às suas desumanas e absurdas imposições, porque não quero desgostar minha mãe, abandonando meu lar, para fugir das suas injustiças exigências quanto ao que eu dava ser, e não ao que eu quero ser, senhor meu pai. Mas, quando tirar meu diploma, procurarei ser o primeiro entre os primeiros, para honrar a minha dignidade de estudante, e o grande amor e respeito por minha santa e querida mãe. Papai! Ouço bem! Ao me ver entre os formandos no dia de minha formatura, não veja o seu filho e sim, um aleijão despersonalizado que usa as muletas das suas imposições, impostas por um déspota e nunca por um pai, e muito menos por um pastor, porque o seu Deus não existe, é como o do meu materialismo, que o senhor, meu pai, com tais exigências, está me atirando em seus braços.”

— Querem saber a resposta dele depois desta minha revolta?

— Qual foi, meu sobrinho?

— Ele ficou vermelho e saiu resmungando: “Tu, meu filho, estás com tua cabeça virada, com as tuas más companhias, principal-

mente, dessa jovem loura, que não te larga um minuto.” — Saiu batendo a porta com força. Como se essas más companhias não fossem as razões das minhas fugas, pelas injustiças que ele está me impondo, desumanamente.

— É!...É!...Bem mais sério o teu problema, do que eu pensava, meu caro!

— Desista meu tio de falar, apelar para papai! Vamos poupar mamãe de mais discussões e aborrecimentos.

Fritz Müller, sorrindo e como se nada tivesse acontecido, radiante:

— Olha lá! Está chegando a loura que tanto mal faz a papai!

— Ué! vejo uma loura, aliás bonita, no meio de dois jovens senhores. — Disse Trommsdorf, para Fritz Müller.

— É Carolina Tollner, entre, à direita, o Sr. Karl Marx, nosso companheiro e líder maior, e à esquerda o Dr. Friedrich Engels, o braço direito de Marx. Hoje ambos falarão para estudantes e operário, no Circulo Estudantil de Erfurt, às 8 horas da noite, — concluiu Fritz Müller satisfeito e convidando os dois — Tanto o senhor meu tio, como Blumenau, estão convidados. Brincando com eles: Como é aceitam ou não aceitam?

— Infelizmente, logo depois do nosso jantar, — disse Trommsdorf, apressado, — terei que apresentar Blumenau a um senhor meu vizinho, porque ele faz questão de aprender, urgentemente, o português. Não é Blumenau?

— Exatamente! É importante e muito urgente o nosso encontro com o meu futuro Fritz!

— Vocês dois são burgueses, com medo de enfrentar alguém que tenha coragem de levantar o dedo e a voz, contra essa burguesia que tanto mal vem fazendo a nossa pobre, e dividida, Alemanha!

Com a aproximação toda sorridente de Carolina Tollner e seus dois companheiros, os três levantaram-se, enquanto Fritz Müller deu alguns passos para encontrá-los. Os dois cochicharam:

— Blu...me...nau! Que loura infernal, meu amigo!

— Trommsdorf? Ai... tem muito mais coisa que simples amizade. olha só o sorriso todo meloso do Fritz?

Fritz Müller, segurando, carinhosamente, o braço de Carolina, com um largo sorriso, começou as apresentações:

— Meu tio Hermann Trommsdorf, empresário e sócio de Hermann: Bruno Otto Blumenau, este jovem simpático!

— Muito prazer, estou encantado, senhorita Carolina, Fritz foi muito verdadeiro descrevendo sua beleza e encantos para nós. - Trommsdorf falava sinceramente e convencido com simpatia da “namorada” de seu sobrinho — realmente é muito simpática, senhorita Tollner!

— Seu tio é muito galante, Fritz!

— Não são galanteios são a confirmação das verdades de Fritz, minha cara jovem!

— Bem, Carolina, agora quero apresentar meus dois amigos.

— Desculpe, meu caro Fritz... perdoem-me, Dr. Marx e Dr. Engels! Pronto, Fritz, apresente-os aos seus amigos.

— Aqui está o Dr. Karl Marx, nosso mais ilustre companheiro e líder maior, e este, o Dr. Friedrich Engels, braço direito do Dr. Marx!

— Já os conhecemos, — disse Trommsdorf, todo cerimonioso enquanto Blumenau, sorrindo, aguardava sua vez — Fritz se refere aos senhores com muito respeito e admiração!

E aqui, meus companheiros, a figura simpática de Hermann Bruno Otto Blumenau, sócio de meu grande amigo.

— Muito prazer em conhecê-los, faço minhas as palavras de meu sócio e amigo, Trommsdorf, e ao Fritz, e seu generoso rapapés, meu profundos agradecimentos!

Depois dos sorrisos e das gentilezas trocadas, Trommsdorf, fixando Carolina e segurando-a delicadamente, pediu:

— Senhorita Carolina, meus senhores, vamos, por obséquio, sentar para o jantar. A noite já chegou.

Acomodados, Carolina entre Fritz Müller e Trommsdorf, Blumenau entre Karl Marx e Engels, começaram o jantar.

— Então estão de passagem pela nossa Erfurt. — Trommsdorf começou a conversa enquanto os garçons serviam. — Espero sejam bem felizes em suas estadas nesta cidade.

— Erfurt, à beira do majestoso Gera, é uma cidade muito bonita e acolhedora. — Karl Marx falava com entusiasmo da cidade tão querida de Trommsdorf. — Com esta, é a segunda vez que a visito!

— Ah! Então já nos visitou em outra ocasião, Dr. Marx?

— Acredito que há... mais... ou menos...

— Há seis meses passados, Dr. Marx, foi sua última visita. — Fritz ajudou seu líder maior a completar a frase.

— Obrigado, meu caro, de fato, há uns seis meses passados.

— E vão fazer conferências, Dr. Marx? — Perguntou curioso Blumenau.

— Não! Palestras com nossos companheiros e estudantes no...

— Círculo dos Estudantes de Erfurt, às 21 horas, Dr. Marx!

— Obrigado, Fritz, que aliás está sempre muito bem informado...

— Não se esqueça, Dr. Marx, que somos, Carolina e eu, os anfitriões!

— Os senhores já foram convidados, pois, não, Trommsdorf e Blumenau, contamos com suas valiosas presenças!

— Infelizmente, quando Fritz nos convidou, já havíamos tomado outro compromisso, que nos impede de estarmos, como seria de nosso agrado, às suas palestras, que Fritz fala tanto e tão bem delas!

Fritz olhou para Blumenau e pensou sorrindo: "Este meu tio é um cínico! Nem cheguei a falar com ele, nem com Blumenau, sobre as palestras, porque sei muito bem como ele as detesta, e agora, todo delicado com o Dr. Marx, quase como se fosse um dos nossos! É ser muito cara de pau, se não gostasse tanto dele, já rasgava sua fantasia.

Blumenau olhou para Fritz e, também sorrindo, parecia adivinhar seus pensamentos, e também pensou. "Tenho que preparar mi-

nha resposta a altura da do Trommsdorf! Fritz vai ficar louco de raiva, mas... a culpa não é minha”.

— E o senhor, Blumenau, estará presente, pois não? — Karl Marx falava sério.

— Quando recebemos o convite de Fritz, que muito insistiu e quase brigou conosco, nos dizendo com raiva, diante da nossa recusa, por se tratar de um sério compromisso comercial: “Vocês só tem na cabeça números e cifrões! Vamos às palestras de dois jovens idealistas, para aprender algo e iluminar seus cérebros mercenários! “Foi um custo convencê-lo das razões inadiáveis de nosso compromisso. Felizmente, as palavras de seu tio, de quem ele muito gosta e respeita, acalmaram o nosso jovem amigo e nos perdoou a nossa ausência, numa palestra que reconhecemos, Dr. Karl Marx e Dr. Engels, seria extremamente agradável e proveitosa para nós.

Fritz Müller que, enquanto Blumenau falava, ele olhava para o amigo, pasmado do cinismo maior ainda do que o do seu tio, pensava rápido, com tão inusitada surpresa que, pela vez primeira, lhe davam seus amigos:

“Que cara-dura! Ah! Só agora me lembro! Não são eles que falam! São os comerciantes que neles vivem, com suas mentiras e artimanhas, no grande jogo comercial, de um enganar o outro, na busca do lucro, do lucro desenfreado que os burgueses guardam, avaramente, nos seus cofres, atulhados de dinheiro, enquanto a grande massa trabalhadora vive à míngua, quase miseravelmente! Eles, os dois cínicos, estão no seu mais verdadeiro e legítimo papel de burgueses, esses mesmos burgueses que tanto combatem Marx, clamando as classes oprimidas, a virem para a grande luta de classe”.

Fritz Müller em seus devaneios, enquanto ouvia as cínicas palavras de seus dois amigos que se recusavam ao convite de Karl Marx, finalmente, estava vingado, com a imagem fiel do burguês, que eles mesmo pintavam com tanta fidelidade e clareza e que era a bandeira de luta do seu líder maior, Karl Marx, ali presente, bem a seu lado e de sua companheira Carolina Tollner. Feliz consigo mesmo, seu íntimo, exuberante de alegria e satisfação, por ter encontrado e retratado, no cinismo de seus amigos, a bandeira de luta de Marx. Pensou consigo mesmo: “Hoje à noite, quando Marx se levantar para falar, vou aplaudí-lo de pé, e incitar meus companheiros a fazerem o mesmo, porque nossas palmas de hoje, consagrarão Karl Marx, como nosso líder supremo, para que sua tão reclamada luta de classe não seja só nossa, mas se alastre como um tufão, sacudindo o mundo inteiro”.

E os devaneios de Fritz Müller foram interrompidos por Karl Marx:

— Nosso companheiro Fritz ficou silencioso por longo tempo, o que houve, meu caro companheiro?

— Pensava, Dr. Marx, no que vão perder, quer meu tio, como meu amigo Blumenau, não podendo assistir sua palestra de logo mais. É uma pena que dois dos melhores empresários de Erfurt, não possam

comparecer, por que seus negócios o impedem! Lamentáveis! Muito lamentáveis suas ausências.

— O negociante é um escravo de seus deveres! — Disse calma e ironicamente, Trommsdorf, e com ar de tristeza, virando para Blumenau: Será, Blumenau, que não podemos, mesmo, cancelar nosso encontro?

Blumenau assustou-se pensando que seu sócio falava sério, e demorou a responder, até que leu em seus olhos, que Trommsdorf continuava mentindo:

— Impossível! Impossível desmarcar nosso encontro e é bom lembrar já terminamos o jantar e está na hora de irmos, como os senhores, para suas palestras. São quase nove horas da noite!

(Continua no próximo número)

CONVITE

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", tem a honra de convidar V. S^a para a solenidade de lançamento e noite de autógrafos do livro "O CIDADÃO DE TRÊS PÁTRIAS", de autoria de José Gonçalves e baseado na vida de Curt Max Lobrecht, desde o advento do nazismo até os dias de hoje.

Data: 17 de dezembro de 1982.

Horário: 20,00 horas

Local: Salão de Festas da Sociedade Beneficente
Humânitas, Rua Alwin Schrader, 100

Prezado Leitor!

O Arquivo Histórico da cidade, órgão vinculado à Fundação Casa Dr. Blumenau, preocupado com a preservação da memória local, está intensificando seus esforços no sentido de tornar seu acervo mais completo.

Para tanto, necessita apenas de sua compreensão e apoio.

Doe ao Arquivo de nossa cidade seus velhos documentos, fotografias, filmes, jornais antigos e outros elementos que perpetuem nossas tradições culturais.

Enriqueça o Arquivo Histórico de sua cidade. O benefício será de toões. Especialmente das gerações futuras.

Mensagens que nos envaidecem

Dirigidas ao diretor desta revista, registramos a seguir duas mensagens que muito nos envaidecem e que para nós representam um prêmio e estímulo a continuarmos com as diretrizes que até aqui nortearam nossa atividade à frente da Fundação "Casa Dr. Blumenau. Elas: — "Meu caro José Gonçalves — Muito obrigado por haver remetido a este leitor longínquo um exemplar do belo livro "Ele Sobreviveu!".

Não vou dizer que li a obra em uma noite — mas, isto sim, em duas, inteiramente dominado pelo narrador. Talvez saiba que eu há muitos anos venho exercendo minhas funções na Alemanha e, por isso, boa parte da matéria foi e é matéria de bastante casos meus conhecidos. Casos que se resumem na história do sr. Alfredo, tão bem dramatizada por sua pena de historiador e de sociólogo (cultural). — Cordial abraço, grato, do amigo — Calábria". — N. da R. — O Embaixador Calábria, há muitos anos exerce as funções de embaixador brasileiro em Berlim, República Democrática Alemã.

Segunda mensagem — "Sr. José Gonçalves — diretor da revista "Blumenau em Cadernos" — Tendo sido desaconselhado — por atestado médico de viajar ao Brasil para festejar esta magna data em comum com os irmãos de hábito, sirvo-me da oportunidade de desejar a todos FELIZ NATAL e ANO BOM de 1983. — Com muitas saudades, um grande abraço do amigo de sempre — FREI BRAZ REUTER". Em seguida, o convite formal, enviado por seus familiares: — "Os irmãos Gertrud e Fritz Reuter com suas famílias têm a maior honra de convidar-vos e à Vossa Exma. Família, para o JUBILEU de OURO de VIDA FRANCISCANA, que FREI BRAZ O. F. M. em alegria e com gratidão ao SENHOR e a SÃO FRANCISCO de ASSIS, comemorará no domingo, 19 de dezembro deste ano, às 10,00 horas, na IGREJA MATRIZ de RHEINBROHL, SÃO SITBERTO. — BOAS VINDAS! — Mês de Novembro de 1982". N. da R. — Para as pessoas que porventura queirarem enviar mensagens a Frei Braz, eis seu endereço: "Frei Braz Reuter O. F. M. — 5456 Rheinbrohl, Grabenstrasse, 43 — Alemanha BRD.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista



Aos nossos leitores e colaboradores

Chegamos ao final de mais uma jornada à frente desta publicação e com ela os 25 anos de edições contínuas, visando sempre alcançar o melhor em perfeição e condizente com os princípios que estimularam seu fundador, o saudoso historiador José Ferreira da Silva a lançar o primeiro número em novembro de 1957. Estamos à frente desta missão há cinco anos. Apesar de todos os óbices que também enfrentaram os que nos antecederam, estamos chegando ao fim de 1982 e aqui está o número 11 do Tomo XXIII. Cumpre-nos, mais uma vez, externar os mais profundos agradecimentos a todos os que, de uma ou de outra forma, colaboraram conosco, seja em colaboração histórica, seja colaborando financeiramente para que a revista sempre estivesse em circulação normal, trazendo em seu bojo matérias que promoveram o enriquecimento da história e da cultura de nossa gente.

Aos que renovaram agora as assinaturas para 1983 e aos que, através de colaboração espontânea garantiram as edições deste ano, o nosso muito obrigado, com a certeza de que haverão de continuar a ajudar esta revista que hoje é comentada nos principais grandes centros do país.

Junto com os nossos agradecimentos e a manifestação de alegria pelo jubileu de "Blumenau em Cadernos", aqui ficam registrados os mais sinceros desejos a todos os nossos bons amigos leitores e colaboradores, extensivos aos seus familiares, de um FELIZ E ALEGRE NATAL e um ANO DE 1983 repleto de venturas, saúde e prosperidade.

A Direção

ÍNDICE

Subsídios à Crônica de Blumenau — Frederico Kilian	2
Aconteceu... Novembro e Dezembro de 1981 — José Gonçalves..	5
V — Valata Azambuja — Prof. Aloisius Carlos Lauth	13
História Romanceada de Blumenau e do seu Fundador — Nemésio Heusi	14
Você sabia? — Frederico Kilian	24
Nossos imortais catarinense — Vilson do Nascimento	25
Rodovia Eng. Emílio Odebrecht — José Gonçalves	26
Concurso é bem recebido — Redação	27
Nossos corais — ontem e hoje — Elly Herkenhoff	28
Curiosidades de uma época - IX - "Alfredo Carvalho" S. C. Wahle	31
Subsídios históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	32
Você sabia? ... — Frederico Kilian	34
Biblioteca Municipal e Ambulante registraram intenso movimento, em 81 — Redação	36
Uma injustica a reparar — Nemésio Heusi	37
Um quarto de século de circulação — Redação	38
Escritores na FECART — Enéas Athanázio	39
A História de Blumenau revela — (Transcrição) — José Gonçalves	40
Prefeitura está implantando projeto pioneiro de aproveitamento energético do lixo — Redação	44
Subsídios históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	46
História romanceada de Blumenau e do seu fundador — Nemésio Heusi	48
La Striga — Alfredo Scottini,	55
Curiosidades de uma época - X - "Piscina flutuante" — S. V. Wahle	56
Livros novos a serem editados pela Fundação "Casa Dr. Blumenau" — Redação	57
Subsídios à crônica de Blumenau — Frederico Kilian	61
Subsídios à crônica de Blumenau — Frederico Kilian	65
Homenagem ao fundador de "Blumenau em Cadernos" — Redação	69
Uma reliquia esquecida — José Ferreira da Silva	69
Presidente Carstens, da R.F.A., aconselhado a visitar Blumenau — Redação	72
"Musikverein Lyra" — Elly Herkenhoff	74

1822: Santa Catarina na Independência — Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart	78
Curiosidades de uma época - XI - "Portos de canoas" - S. C. Wahle	81
Edith Gaertner — um centenário a comentar — Sueli M. V. Petry	82
Histórico das construções em enxaimel — Arquiteta Sílvia Odebrecht ..	84
História romanceada de Blumenau e do seu fundador — Nemésio Heusi ..	86
Aconteceu... Janeiro e Fevereiro de 1982 — José Gonçalves	91
Subsídios históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	94
O Arquivo Histórico de Blumenau foi enriquecido com novos e valiosos documentos — Redação	95
Centenário de nascimento de Edith Gaertner — Redação	96
Busto de Edith Gaertner (Clichê)	96
Homenagem ao Prof. José Ferreira da Silva — (Foto da capa)	97
A História de Blumenau revela: — Redação ..	98
Figuras do passado (Franz Zimdars)	99
Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau — Compilado por Sueli Maria Vanzuita Petry	101
Ingo Hering — Nestor Seara Heusi	104
História romanceada de Blumenau e do seu fundador — Nemésio Heusi.....	105
Aconteceu ... Março de 1982 — José Gonçalves	112
Filatelista e bombeiro da Alameda apresentaram coleção ao Prefeito de Blumenau — Redação	113
A criação do Distrito de Paz de Encruzilhada — José E. Finardi ..	114
Livros de autores catarinenses — Enéas Athanázio	117
Fundação "Casa Dr. Blumenau" completou 10 anos de instituição — Redação	119
Curiosidades de uma época — XII — "Água potável" — S. C. Wahle	119
Subsídios históricos — Coord. e tra. de Rosa Herkenhoff.....	120
A aposta — Nestor Seara Heusi	122
Subsídios à crônica de Blumenau — Frederico Kilian	124
Meio-Ambiente realizou palestras para 5 mil alunos — Redação..	123
Biblioteca Municipal registrou quase 2 mil consultas em março...	128
A História de Blumenau revela: — Redação	130
Treze Palmas — José Ferreira da Silva	131
Curiosidades de uma época — XIII — "Telefones em Blumenau" — S. C. Wahle	133
História romanceada de Blumenau e do seu fundador — Nemésio Heusi	137
Sesquicentenário de nascimento do Padre José Maria Jacobs — 1832-1982 — Sueli Vanzuita Petry	143
Uma visita ao oeste catarinense — Nestor Seara Heusi	146
A repercussão, na imprensa alemã, da visita do presidente Castens. Blumenau — Carta traduzida por Alfredo Wilhelm	148
Uma casa em enxaimel — Arquiteta Sílvia Odebrecht	149

À opinião dos nos visitam — Redação.....	151
Ilhota: Tempos e contratempos de uma colônia belga — Maria do mo Ramos Krieger Goulart	153
Aconteceu...Abril de 1982 — José Gonçalves	156
Subsídios à crônica de Blumenau — Frederico Kilian.. ..	158
A estrada para a Serra — José Ferreira da Silva	162
A História de Blumenau revela — Redação	164
Curiosidades de uma época — XIV — "O roubo dos 40 contos de réis" — S. C. Wahle	165
Ata traduzida do 1º livro do Protokoll Buch Von Gemütlichkeit. 1894 — 1922 — Tradução de Alberto Scharf e Valdir Scharf .	166
História romanceada de Blumenau e do seu fundador — Nemésio Heusi	168
Você sabia?... — Frederico Kilian	177
Na Alemanha, o Presidente Carstens condecorou o Prof. Germano Suessegger, que durante muitos anos lecionou no Colégio Santo Antônio de Blumenau — José Gonçalves	173
Prefeito Rolf Gerich, da Alemanha, fez entrega à José Gonçalves, da bandeira de Weingarten, depois de receber a de Blumenau. — (fotos)	180
A opinião dos que nos visitam — Redação	181
Subsídios à crônica de Blumenau — Frederico Kilian ..	183
Aconteceu...Maio de 1982 — José Gonçalves	184
Redenção — Afonso Rabe	186
O "Kolonie-Zeitung" — Elly Herkenhoff	190
R. D. A. tem agência no Brasil — Redação ..	192
Uma colônia socialista — José Ferreira da Silva ..	194
A História de Blumenau revela — Redação ..	196
Há 50 anos a "Igreja de Cristo" em Rio do Sul foi construída e inaugurada — P. Hermann Stoer	198
História romanceada de Blumenau e do seu fundador — Nemésio Heusi	200
Curiosidades de uma época — XV — "O estafeta postal do trem" — S. C. Wahle	208
Aconteceu... Junho de 1982 — José Gonçalves	209
O "Kolonie-Zeitung" — Elly Herkenhoff ..	211
Prefeito de Braunschweig visitou Blumenau — Redação ..	215
A opinião dos que nos visitam — Redação	216
Torneio Especial de Skat — Redação	217
Crônica da Família Baumgärtner — Aloisius Carlos Lauth	218
Subsídios à crônica de Blumenau — Frederico Kilian	220
A opinião dos que nos visitam — Redação	222
Festa do Prato Típico já é tradição — Redação	223
Biblioteca Dr. Fritz Mueller aniversariou — 30 anos de serviços prestados — Redação ..	223
Aspecto interno da Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Mueller" (Foto)	224
Blumenauenses prestigiaram sua Biblioteca — Redação	225
A História de Blumenau revela: — Redação	226
Curiosidades de uma época —XVI — "Esgotos" — S. C. Wahle	229

Revelações dos Arquivos Históricos — Redação	230
“Cadernos municipais” — (Do “Diário de Pernambuco”) — José Luiz Delgado	231
História Romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau conti- nua — José Gonçalves	233
História romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau, na Ale- manha — Nemésio Heusi	233
Você Sabia?... — Frederico Kilian	238
Aconteceu... Julho de 1982 — José Gonçalves	240
O “Kolonie-Zeitung” — Elly Herkenhoff	241
Subsídios à crônica de Blumenau — Frederico Kilian	246
A História de Blumenau revela — Redação	249
Revelações dos Arquivos Históricos — Redação	253
História romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau, na Ale- manha — Nemésio Heusi	255
Brusque no ano de 1881 — Guilherme Strecker (SAB)	261
Figuras do Passado (Augusto Keunecke) — Frederico Kilian ...	264
O Parque da Fundação de São Leopoldo, Petrópolis, Blumenau, Joinville, etc. — Adolfo Bernardo Schneider	266
Aconteceu... Agosto de 1982 — José Gonçalves	272
O “Kolonie-Zeitung” — Elly Herkenhoff	274
Revelações dos Arquivos Históricos — Redação	278
Dela Vista Country Club, a realidade da inspiração de poucos, há 20 anos, hoje beneficiando a muitos — José Gonçalves	279
A propósito de museu — Celso Liberato	283
Presença de Blumenau na “Semana de Kiel” — (Kieler Woche) Redação	284
Figuras do passado (Ulmer Laffront) — José Gonçalves	286
Você sabia... — Frederico Kilian	287
AEMA recebeu 25 projetos de controle da poluição — Redação ..	288
História romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau, na Ale- manha — Nemésio Heusi	289
Autores Catarinenses — “Amigo Velho” — Enéas Athanázio ..	295
Os Governos de Santa Catarina de 1889 até a Revolução Federalis- ta — Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart	297
Aconteceu... Setembro de 1982 — José Gonçalves	301
Primórdios da maçonaria em Blumenau — Carlos Alberto de Melo	304
Mais um tropeço na vida do imigrante — José Ferreira da Silva	306
Revelações dos Arquivos Históricos	308
No Alto do Vale — Celso Liberato	311
Santa Catarina na História Militar	312
A História de Blumenau Revela:	314
Cerimônia no Cemitério dos Imigrantes — Elly Herkenhoff	320
Aconteceu... Outubro de 1982 — José Gonçalves	324
A mola propulsora do dinamismo de uma escola	326
Você Sabia?... — Frederico Kilian	331
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	333
Dalto dos Reis é o novo Prefeito de Blumenau	335
História Romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau	337

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf* - advogado; vice-presidente — *Rolf Ehlke* - Industrial.

Membros: *Elimar Baumgarten*, advogado; *Honorato Tomelim*, jornalista; *Ingo Fischer*, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; *Altair Carlos Pimpão*, jornalista; professor *Antônio Boing Neto*; *Arno Letzow*, comerciante; *Beno Frederico Weiers*, advogado; *Heinz Hartmann*, repres. comercial; *Prof. Olívo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering 
BLUMENAU - SANTA CATARINA